

"O CABARÉ DE MARIA ELEFANTE"

IVO BENDER

GRUPO TEATRAL "LIVRE ASSOCIAÇÃO OS PRETENCIOSOS" - PORTO ALEGRE

JOÃO PEDRO ALCANTARA GIL

11 maio 81

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, SEM CORTES,
CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VA-
LIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE
SCDP/SR/RS.

P. Alegre, 11
XXXXX

maio

81


RENATO RODRIGUES DE FARIA
Téc. Censura Matr. 2.415.816
Chefe da SCC/SCDP/SR/DPF/RS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Graciete
até 10/4

Personagens

O Apresentador

Fanther Boy

Tianta, a mega da Birmânia

"Seu" Nicanor

João

O Vampiro de Viamão

Dulcet Ton, the queen of crime

Dona Eritréia

Gonçalo

Teresa

Eritreu

Pablo Montón

O juiz

O bedel

O marido

A mulher

Erica Schmitt, a morta-viva do Morro do Ferralrás

Dr. Fagundes

O paciente

Madre Prudência

Ir. Dolorosa

Ir. Vigília

A noviça Piedade

Uma outra irmã

O estrupador do bairro Floresta

Suzi

Beatriz

Marisa

Jean Harlow do Partenon

O strip-teaser

Um marido

Sua mulher

Betinho, o filho do casal

Joana Ribas

O palco é um cabaré. Vêm-se os camarins com suas luzes acesas. Alguns têm a porta aberta e percebe-se, dentro deles, a movimentação natural que precede qualquer espetáculo. Quando tocar a música, fecham-se as portas dos camarins. A função



O APRESENTADOR -Senhoras e senhores, rapazes e senhoritas, lídimos representantes de nossa mal dormida classe média, boa-noite!

-Trabalhadores e operários do Brasil (se é que entre nós se encontra alguém que possa ser chamado de trabalhador), boa-noite!

-Senhores militares de peito estufado pelo orgulho de valorosos feitos em prol do bem-estar da população brasileira, boa-noite!

-Estudantes em geral, donas de casa e pais de família em particular, sejam todos muito bem-vindos! É com o coração iluminado que hoje inauguramos esta nova casa.

(PARA ALGUÉM DA PLATÉIA) -Óra, ora, por que essa boca franzida de quem chupou laranja azeda?

(PARA OUTRA PESSOA) -E você, por que esse olhar de quem me diz, fazendo pouco caso: "Lá vem ele com sua arenga teatral, com esse papo furado de que hoje tem espetáculo."

-Mas o que é isso, minha gente? Vamos sacudir esse / tédio, deixemos de preconceitos. Não é mais uma casa de espetáculos que inauguramos, não é um drama o que mostraremos. Esta casa não foi concebida para abrigar atrizes viciadas em tranquilizantes, nem para atores com anseios de superar Marlon Brando.

-Esta é uma casa de sonhos, de fantasia e de realidade, onde o prazer, a degustação de qualquer prazer custa barato. / Por que, como todos sabemos, a vida anda pela hora da morte. Por / isso, o nosso elenco de artistas canta, dança e interpreta. Além / de conhecer tudo sobre esportes. Esportes a dois, a três e até / mais. E tudo isso é oferecido com muito calor, um calor que tudo / abrasa, até mesmo os lençóis da cama.

-Nossa casa é um cabaré. Por isso mesmo, o programa varia de noite para noite, de hora em hora. Ea dona de tudo, a proprietária da casa, a nossa patroa é a robusta Maria Elefante, a / rainha do amor, a imperatriz das madrugadas!

-Como já foram feitas as explicações necessárias, / deixem que eu me apresente. Meu nome é Claudionor e sou eu quem / anuncia os artistas e os números que vão ser mostrados ao nosso / público.

-E é com alegria que tenho o prazer de chamar Tianta, a escrava branca foragida da Birmânia, a única mulher do mundo que faz desaparecer, num passe de mágica, as mais delêntias serpentes.



-Com ela, chega também Panther Boy, seu companheiro que nada faz. Só acompanha Tianta e a protege da violência de seus fãs. É também Panther Boy quem consola Tianta nas suas longas noites de insônia. Com vocês, Tianta, a maga da Birmânia!

(O APRESENTADOR SAI DA LUZ. MÚSICA "A DANÇA DO FOGO", DE RAVEL. LUZ NO CENTRO DO PALCO À PROCURA DE TIANTA)

O APRESENTADOR (VEM PARA A LUZ) -Deve ter acontecido alguma coisa. Tianta nunca se atrasou. (ILUMINA-SE O CAMARIM DE TIANTA. ELA ESTÁ DEBRUÇADA SOBRE A MESA DE MAQUIAGEM. PANTHER BOY, DE PÉ, AO SEU LADO)

PANTHER BOY -Te apura, meu bem. A música já está tocando.

TIANTA -Só mais um gole.

PANTHER BOY -Nem um trago a mais. Você já secou a garrafa inteira.

TIANTA -Arranja outra no bar.

PANTHER BOY -Depois do teu número.

TIANTA -Não faz assim comigo. Só um martelinho. Juro que é o último.

PANTHER BOY (PERDENDO A PACIÊNCIA) -É sem conhaque e vai duma vez!

TIANTA (ALTO) -Não posso. Estou com uma dor aqui. (INDICA UM DENTE) -Quero meu conhaque primeiro.

PANTHER BOY (TOMA-A PELAS AXILAS, LEVANTA-A VIOLENTAMENTE) -Te arranco daqui a tapa!

TIANTA -Bate, bate, gigolô de fim-de-linha! (ELE EMPURRA E TIANTA TROPEÇA CENA A DENTRO. ELE A SEGUE TRANQUILAMENTE, ACENDE UM CIGARRO E FICA POR TRÁS DELA NA SEMI-OBSCURIDADE)

PANTHER BOY (ENTRE DENTES) -Onde foi que você largou as cobras?

TIANTA -Quero que elas se ralem.

PANTHER BOY (COM FALSO CONSTRANGIMENTO) -Pessoaal, desculpem este / imprevisto. Tianta sem suas cobras não pode se apresentar.

TIANTA -Não torra o saco, Panther Boy! Pensa que o público não está sabendo de nada? O povo não é besta, fica sabendo!

PANTHER BOY (AMEAÇADOR) -Tianta!

TIANTA -Cai fora, cafinfa! Sem você eu sou mais eu!

O APRESENTADOR (ENTRANDO NA LUZ) -Com a permissão do distinto público.

TIANTA (CORTA) -Distinto, hem? Que brincadeira é essa? Deixa comigo que eu destramo tudo sozinha. (O APRESENTADOR VAI PARA A SEMI-OBSCURIDADE E PANTHER BOY SE RETIRA PARA O CAMARIM)



-Gente, o negócio é o seguinte: eu nasci em Esteio, aqui pertinho. Meu pai trabalhava naquela fábrica de cimento que tinha por lá. Aquela fábrica que deixa tudo branco, meio duro de pô. Nem pé de couve dava pra se ter no quintal. Ele endurecia e ficava cimentado. Igual a pedra. Minha mãe lavava roupa pra fora. Eu era a mais velha de cinco irmãos. Cuidava deles enquanto minha / mãe se virava no tanque. Nossa vida lá em casa até que era legal. / O velho é que estragava tudo, empurrando uma rama goela abaixo. E / quando ele ficava roxo de trago, daí ele enchia o saco, batia na gente, dava um pau na mãe. Mas eu enfrentava ele. Eu enfrentava. Por isso ele tinha tanta raiva de mim. Pois é. Eu nasci em Esteio.

-Andaram dizendo por aí que eu fugi da Birmânia. Puro papo. Birmânia não sei o que é. Nem sei onde fica. E meu / nome é Dorly. Dorly da Silva Viegas. Quando fiquei de maior, fugi de casa. Acabei num circo fuleiro, tentando ser cantora. Fiz o que pude. / s não deu certo. Daí me ensinaram essa bobagem de trabalhar com as cobras. Mas eu tinha um nojo delas! Não que fossem venenosas. As coitadas nem dente não tinham mais. É que eu não aguentava aquela coisa fria se enrolando no meu corpo. Que nojo! Eu só fazia o número porque tinha de ganhar minha comida e meu conhaque. Pois hoje de manhã, cedinho, quando o Panther Boy (nunca vi nome mais cretino, mal dá pra gente dizer), hoje de manhã, quando o Panther Boy ainda estava na cama, eu peguei as três, eram três ao todo as cobras e -tac! -tac! -tac! -cortei a cabeça delas com a machadinha. Agora vou curtir o couro e / mandar forrar um par de sapato (eu adoro sapato de cobra) e vou fazer um cinto combinando. Por isso é que não tem número de cobra hoje. Nem hoje nem nunca mais. Esta noite eu vou cantar. E dedico o meu número / . ao Panther Boy. Quero ver se cantando, eu dobro ele. Vamos lá, / pessoal! (LUZ VERMELHA EM TIANTA. ELA TOMA O MICROFONE E CANTA)

-Ele é casado e eu sou a outra
na vida dele,
que vive qual uma brasa
por me faltar tudo em casa.
Ele é casado e eu sou a outra
que o mundo difama,
que a vida, ingrata, maltrata
e sem dó cobre de lama.

-Quem me condena
como se condena uma mulher perdida,
só me vê na vida dele
mas não o vê na minha vida.
Não tenho lar, trago o coração ferido,
mas tenho muito mais classe
do que quem não soube prender um marido.



(ELA VAI PARA O CAMARIM. PANTHER BOY A ESPERA FURIOSO. SACODE-A. ELA GRITA. ELE LHE DÁ UMA BOFETADA. ELA REVIDA. ELE RECUA. OLHAM-SE CARA A CARA. UM TEMPO. AVANÇAM UM PARA O OUTRO. ABRAÇAM-SE. / BEIJO.. APAGA A LUZ NO CAMARIM)

O APRESENTADOR (VEM PARA A LUZ) -Nem sempre as coisas saem como planejamos. O homem põe e a história dispõe. Fomos todos testemunhas da reviravolta que aconteceu na carreira de Tianta. Ela resolveu virar a mesa e virou. Tianta não teme Panther Boy, nem o público lhe mete medo.

-Tianta conseguiu ser o que sempre quis. Não tem Panther Boy que a proíba. Ele que sempre tripudiou em cima dela, amarrando e subjugando a fêmea com seu amor, nada pode contra a rebelião de Tianta. Ela tem agora uma machadinha. E vai abrindo caminho a cortes e golpes.

-A revolta de Tianta me faz lembrar a horrípilante história que aconteceu em Viamão. Agucem bem os ouvidos, abram bem / abertos esses olhos, ponham a funcionar aquela massa cinzenta, tão leve e tão perdida entre os ossos de cada cabeça aqui presente. / (ANUNCIANDO) -O Vampiro de Viamão!

(CANTA) -"Noite alta, céu risonho,
a quietude é quase um sonho,
o luar cai sobre a mata
qual uma chuva de prata
de raríssimo esplendor,
só tu dormes, não escutas
o teu cantor..."

(VOLTA A NARRAR) -É, mas naquele complexo industrial recém implantado nas redondezas de Viamão, um operário já velho, cansado de / guerra e outro, muito mais jovem, tomam uns goles de café para se manterem acordados até às seis da manhã. Porque o turno deles é durante a noite. (UM RELÓGIO BATE DUAS SOTURNAS BADALADAS) _São duas horas da madrugada, hora do café e do medo! (LUZ APAGA SOBRE O APRESENTADOR)

(NUM OUTRO ESPAÇO DO PAICO, "SEU" NICANOR, O OPERÁRIO VELHO, ABRE UMA GARRAFA DE CAFÉ. NÃO LONGE DELE, JOÃO, O OPERÁRIO JOVEM, AZEITA UMA ENGRENAGEM QUALQUER)

NICANOR (CHAMANDO) -Eh, João. Dá um tempo aí e vem tomar café.
JOÃO -Estava mesmo precisado. (DEIXA A ENGRENAGEM E VEM PARA NICANOR) -Que horas são, hem "Seu" Nicanor?

NICANOR -Umass duas da manhã.



JOÃO -De noite o tempo custa a passar.

NICANOR -Só quando se está acordado.

JOÃO -O patrão falou comigo, quando cheguei.

NICANOR -É.

JOÃO -Ele é tão estranho, hem?

NICANOR -Tudo que é patrão é estranho. Não é fácil entender eles. Mas é assim mesmo.

JOÃO -Ele fala uma língua meio difícil, não é?

NICANOR -Pois é. Tem vez que ele aparece, assim de repente, em / plena madrugada. Pra inspecionar.

JOÃO -Tá no direito dele.

NICANOR -Não gosto dessa coisa de inspecionar. Não preciso de ninguém pra cuidar do meu serviço.

JOÃO -Pois é.

NICANOR -E depois, com tudo que anda acontecendo por aí.

JOÃO -Essa gente que andou aparecendo morta de manhã?

NICANOR -É. De tempos em tempos, pimba! Aparece um cara morto. De veia cortada. Mais branco que cera.

JOÃO -É que meio mundo anda doido com esse salário micha que pagam pra gente.

NICANOR -Ninguém se matou, não senhor. Era tudo gente forte, cheia de vida, assim como tu.

JOÃO (COMO QUEM ESCONJURA) -Parece até que está agourando, "Seu" Nicanor.

NICANOR (SEGREDANDO) -Pra mim, tem lobisomem rondando está fábrica.

JOÃO -Olha que o papo tá bom, mas tenho que terminar o serviço.

(VOLTA PARA A ENGRENAGEM E RETOMA A TAREFA. NICANOR TAMBÉM VOLTA AO TRABALHO, DEPOIS DE ARROLHAR A GARRAFA PATENTE ONDE TRAZIA O / CAFÉ)

O VAMPIRO (SURGE DA PENUMBRA COM SUA LONGA CAPA) -Azeitando a máquina, rapaz?

JOÃO (RECUA SURPRESO E ASSUSTADO) -Epa! Não sabia que o senhor estava por aqui, patrão.

O VAMPIRO -Vinha passando, fui chegando, gosto de ver esta indústria funcionando, minha gente trabalhando, sendo criativa e diligente.



gente como você.

JOÃO (ENCABULADO) -Ora, que é isso patrão?

O VAMPIRO -É verdade, meu rapaz. (PAUSA EM QUE AVALLIA JOÃO) -Que idade você tem?

JOÃO -Vinte e um.

O VAMPIRO -Quem mais está contigo na secção, meu filho?

JOÃO -Não tem ninguém.

O VAMPIRO -Ah.

JOÃO -Dá licença? (VOLTA-SE PARA A ENGRENAGEM E CONTINUA A TRABALHAR)

O VAMPIRO -Um instantinho.

JOÃO (VOLTANDO-SE) -Pronto?

VAMPIRO -Você não está com calor?

JOÃO -É. Tá meio abafado aqui dentro.

O VAMPIRO -Muito.

JOÃO -Tem uma caldeira aí que esquenta uma barbaridade!

O VAMPIRO -Pois tira a camisa.

JOÃO -Não vai ter problema?

O VAMPIRO -E porque teria?

JOÃO (ENQUANTO TIRA A CAMISA) -Por causa do regulamento.

O VAMPIRO -O regulamento aqui sou eu.

JOÃO (TENDO TIRADO A CAMISA) -Assim é melhor.

O VAMPIRO -Claro, naturalmente. (PAUSA) -Que marca é essa aí na tua garganta?

JOÃO -Aqui do lado?

O VAMPIRO -É.

JOÃO -Fui apertar uma espinha. Não é nada.

O VAMPIRO -Mas está sangrando.

JOÃO (PASSA A MÃO NA ESPINHA) -Chiii.

O VAMPIRO -Senta aí. Vamos examinar isso.

JOÃO -Não precisa o senhor se incomodar.

O VAMPIRO -Senta! É uma ordem.

JOÃO -Tudo bem, patrão, tudo bem. (JOÃO SENTA NUM BANQUINHO. O VAMPIRO O ENVOLVE COM A CAPA; JOÃO, CONFUNDIDO, PERGUNTA: "Mas o que é is



so?" SEGUE-SE UM GRITO DE DOR DE JOÃO. ELE LEVANTA, NUM SALTO, E FICA FRENTE À FRENTE COM O VAMPIRO. O VAMPIRO RECUA E SACA UMA ADAGA. ELE AVANÇA PARA JOÃO QUE FICA PRENSADO CONTRA A ENGRENAGEM. SUSPEN- SE: EM SILÊNCIO E LENTAMENTE, O VAMPIRO AVANÇA. "SEU" NICANOR ENTRA COM UM MARTELO E GOLPEIA O VAMPIRO NA CABEÇA. ELE CAI, PESADAMENTE, / PARA TRÁS)

NICANOR -Depressa, João! Esse homem é um morcego chupador de sangue. Foi ele que matou nossos companheiros. Termina com ele. (JOÃO TOMA A ADAGA E A ENFIA NO CORAÇÃO DO VAMPIRO. UM GRITO DE DOR. LUZ APAGA)

O APRESENTADOR -Nem é preciso dizer que pouco tempo depois, nada mais restava do Vampiro de Viamão. A não ser um montinho de cinza que a / brisa da manhã se encarregou de varrer. (PAUSA) -É, mas a batalha ain da não estava ganha. Porque se tudo fosse tão simples como matar um vampiro, Dulcet Ton, a mulher que brande o chicote, não estaria mais entre nós.

-É difícil para o país, livrar-se dessa mulher. Todos nós ce amos Dulcet Ton. Diariamente. Bebemos essa mulher no mais vagabundo dos refrigerentes ou mais delicioso dos vinhos. Tomamos banho com Dul cet Ton. Ela faz nossa barba e oferece automóveis para quem puder pa gar. Mulher dominadora, ela está presente em tudo, a toda hora e sem pre. Longe de ser puta ou mãe, Dulcet Ton é uma deusa que tudo devora e a todos sacrifica. Para espanto de vocês, a presença viva de Dulcet Ton! (LUZ APAGA SOBRE O APRESENTADOR)

(MÚSICA. LUZ SOBRE DULCET TON. SAPATOS NEGROS DE SALTO, MEIAS NEGRAS E CORPETE COM LIGAS NEGRAS. LUVAS PRETAS DE CETIM. SOBRE AS LUVAS, / FAISCAM AS JÓIAS. AO COLO, BRILHANTES GRANDES. ELA TRAZ UM LOGO CHICO TE COMO USAM OS DOMADORES DE CIRCO)

DULCET TON -I am Dulcet Ton, the Queen of Crime. Rainha do crime, é isso que eu sou. E esta invejável posição eu conquistei palmo a pal mo, crime a crime.

-Quando nasci, não vi a luz do dia porque minha mãe, que H assumira a discutível missão de acalmar os ânimos sexuais do proleta riado mais vil, minha mãe me pariu numa volta dos esgotos de Nova Yor que. Essa curva cloacal permanecia seca e era um lugar seguro para quem quisesse abandonar uma recém-nascida.

-Fui adotada por uma ratazana. Mas não se espantem: numa sociedade como a nossa, todos têm seus interesses. Mais ou menos in confessáveis. Até os ratos.

-A ratazana me alimentou com seu leite e o lixo do banquete dos ricos. Com restos de caviar, chicletes mastigados e nacos de pernil, fui construindo uma saúde indestrutível.

-Meu primeiro gesto agressivo foi deflagrado contra aque la que meu deus me deu. Eu já era uma garota forte, então. Certa tarde, num súbito e inexplicável acesso de repugnância, dei um caco de espelho a nutrida ratazana que me adotara. Assu na madrugada de um frio inverno, me vilevantando a tampa de um bueiro co esquecido. Como flor, eu brotava para a vida. Nascia das de.....



Nova Iorque aquela que seria a Rainha do Crime. Poucos dias depois, eu estava empregada numa lanchonete.

-Não demorou muito para que eu fosse descoberta por / Jimmy, o Estrangulador. Entre uma mordida num cachorro-quente e um gole de coca-cola, ele me fixou com seu olho de aço. Naquela mesma noite fui deflorada pelo criminoso mais procurado pela / justiça americana. Uma vez liberta daquela impertinente virgindade, passei a escalar a encosta do sucesso.

-Não sou republicana, nem sou democrata. Odeio os fascistas. Abomino os comunistas. Sou apenas Dulcet Ton, e o meu / partido é o partido do crime. Se hoje os brilhantes e as pérolas murmuram por entre meus dedos, se as sedas e os veludos deslizam por meu corpo, tudo devo à minha férrea vontade e, naturalmente, a este Colt 45.

-Vivi com Jimmy, o Estrangulador, enquanto seus dedos / não me apertaram demais a garganta. Na verdade, devo confessar, / Jimmy foi o primeiro homem a ter seu peito arrombado por esta arma. Vejam que ironia: acabei prestando um serviço à polícia. Jimmy, o incansável estrangulador de loiras platinadas, estava morto, enfim.

-Lenta mas seguramente meu prestígio foi se firmando. A Rainha do Crime organiza sua quadrilha e começa a ter seu nome respeitado no baixo mundo. E como o baixo mundo tem seus próprios / canais de ligação com outros mundos, mais dourados e alegres, passei a dividir minhas atividades. Hoje sou a mais temida empresária do mundo ocidental. Reis e rainhas me respeitam, presidentes já foram depostos por minha intervenção direta. O principado de Mônaco ainda respira porque eu sustento seus cassinos. Promovo alianças, desfaço tratados, alimento os atritos no Oriente Médio. As ditaduras do Terceiro Mundo têm meu integral apoio. Outras já se desfizeram / por um simples telefonema que eu dei.

-Eu semeio a miséria e o terror e minha riqueza não divido com ninguém. Alguns estudiosos me chamam de individualista. Acho / correta a observação.

-Mas se Dulcet Ton tem o mundo a seus pés e se veste de / glória para inveja do povo, ela também é humana. Por isto estou / aqui. Quero me recuperar desta estafa que me aniquila. Mas podemos marcar um encontro, se precisarem de mim. Com honorários previamente depositados em banco de minha confiança. O encontro pode acontecer, digamos, no Hotel Méridien, no Rio ou, quem sabe a bordo de meu iate. Prometo uma noite inesquecível. Em termos de negócios, claro. (LUZ APAGA)



O APRESENTADOR -Ah, mas nem só de espinhos é feito nosso chão. E para desmanchar um pouco essa impressão causada por Dulcet Ton, tenho o prazer de chamar nossa querida Tianta, a cantora internacional, para interpretar de Roberto Carlos, "Café da Manhã"! Com vocês, Tianta. (SILÊNCIO. O CAMARIM DE TIAN TA ESTÁ DE FORTA FECHADA. OUVEM-SE GEMIDOS)

O APRESENTADOR (DESAFORTADO, MAS FORTE) -Cantando para vocês, Tianta! (SILÊNCIO. A FORTA DO CAMARIM SE ENTREABRE MAS NINGUÉM SE / DEIXA VER. ELE CHAMA) -Tianta!

TIANTA (NO CAMARIM, GEME LONGAMENTE)

O APRESENTADOR (TEMEROSO, CHAMA) -Tianta!

TIANTA (NO CAMARIM, GEME MAIS FORTE. SEGUE-SE UM SILÊNCIO)

PANTHER BOY (DOLOROSAMENTE E COM RAIVA) -Ela não pode!

O APRESENTADOR (IGNORANDO A INFORMAÇÃO DE PANTHER BOY) -Para nossa alegria, Tianta, a cantora da Birmânia!

PANTHER BOY (ESCANCARA A FORTA E FICA ENQUADRADO PELA LUZ. ELE ESTÁ DE CUECA E MEIA PRETA) -Ela não pode, não pode! Está com dor de dente!

O APRESENTADOR -Mas.

PANTHER BOY (CORTA) -Dor de dente, nervo exposto! (BATE A PORTA DO CAMARIM)

O APRESENTADOR (COMO QUE SE DESCULPANDO) -Mas não vai ser por uma dor de dentes que o Cabaré de Maria Elefante vai deixar de funcionar. (UMA PAUSA CURTA EM QUE PROCURA AS PALAVRAS) -O nosso cabaré é um espelho polido onde tudo se reflete. É com orgulho que apresentamos a comédia safada "Amor Gaúcho", escrita por todos nós. Nesta farsa vamos ver quatro pessoas cujos caminhos o destino cruzou e / cujas camas. Ora, quase que deixo escapar o enredo. Veremos, como / eu dizia, quatro pessoas: o estancieiro Eritreu e seu filho Gonçalo; Dona Eritreia e sua filha Teresa. Todos eles furiosamente apaixonados um pelo outro. E veremos, por fim, como o amor soluciona, / com sabedoria, os impasses do coração. (LUZ APAGA. O APRESENTADOR / SE RETIRA E ENTRA LUZ DE SERVIÇO. MÚSICA GAUCHESCA. OS ATORES MONTAM O CENÁRIO)

1º MOMENTO

A SALA DE VISITAS DA CASA DE DONA ERITREIA, NA PERIFERIA DE AIRES.

ERITREIA -Pode passar, Gonçalo, pode passar. Teresa não demora aqui. (PARA FORA, CHAMANDO) -Depressa, Teresinha, que o teu noivo



chegou!

GONÇALO -Não apoquente a moça, Dona Eritrêia, que eu não tenho /
pressa.

ERITRÊIA -Como não, como não. Também já fui moça e muito guapa. Bem
sei como são essas coisas.

GONÇALO -Desculpe que não le entendo.

ERITRÊIA -Ora, o senhor sabe o que quero dizer. (PARA FORA) -Anda, /
criatura, que o Gonçalo está inquieto!

GONÇALO -Já le disse, dona, que se é por Tresa, espero com muito /
gosto.

ERITRÊIA -Meu marido, que Deus o tenha, também tinha sempre muita /
pressa. (PARA FORA) -Vamos, Teresa! Pára de rebocar essa cara!

TERESA (FORA) -Ora, minha mãe! Então quer a senhora que eu saia nua
pela casa afora?

ERITRÊIA -Não ligue, Gonçalo, que a minha filha é boa moça.

GONÇALO -Eu não ligo, não senhora e se le faz gosto, Teresa pode vir
pelada que me viro de costas.

ERITRÊIA -Assim é que fala um homem de bem. (PARA FORA) -Teresa! /
(PARA GONÇALO) -O que me espanta nessas moças de hoje é a calma /
que elas têm. Les parece que o mundo intero pode esperar por elas.

GONÇALO -O mundo intero já não digo, mas... paciência.

ERITRÊIA -Que paciência, que nada! Aceita um licorzito de butiá?

GONÇALO -Pois se aceito, pois se aceito.

LUZ APAGA

2º MOMENTO

O QUARTO DE TERESA. ELA ESTÁ NA CAMA COM ERITREU.

ERITREU -Agora vinha bem um mate pra temperar.

TERESA -O mate vai ter que ficar pra uma outra vez.

ERITREU -É despos um palheiro de fumo crioulo.

TERESA (SALTANDO DA CAMA) -Salta fora das cobertas que já estou /
atrasada. (VESTE-SE ÀS PRESSAS)

ERITREU -Deixa de lado essa broma que o Gonçalo pode esperar.

TERESA -É que minha mãe está com ele.

ERITREU -Pois, entoncos? Quer companhia melhor?

TERESA -Bem se vê que não conhece minha mãe.

ERITREU -Mas le conheço a filha.



TERESA -Olha que te meto a mão na cara!

ERITREU (SALTA DA CAMA E VESTE AS CEROULAS) -Bate, bate, minha / flor. Que cosa melhor pode haver do que um tapa teu na minha ore / lha?

TERESA -O senhor bem sabe o que é melhor.

ERITREU -Se sei, se sei.

TERESA -Nesse caso, te vai duma vez. Se eu me quedar mais um mi- nuto contigo, minha mãe arromba essa porta e o Alegrete inteiro / fica sabendo de tudo.

ERITREU -Pois vai, minha saracura perfumada. Assim que cair a noi- te, salto no meu baio e me toco prá estância.

IJZ APAGA

3º MOMENTO

NA SALA DA CASA.

ERITREIA (ENQUANTO AJEITA AS SAIAS) -Pra quem não tem pressa, até que foste ligeirito.

GONÇALO -Comigo é assim: quem não se cuida, marcha.

ERITREIA -E como marcha! Quer agora um mate amargo?

GONÇALO -Não é bem um mate amargo o que agora me apetece. (AVANÇA SOBRE ELA)

ERITREIA (AFSTANDO-O) -De novo? Pelo amor da Santa Cruz, Gonçalinho. Não demora, ela entra sala a dentro e desmancha o noivado. E amanhã as comadres do Alegrete vão ter assunto pra assuntar.

GONÇALO -E eu com as comadres do Alegrete? Vem, vem, vem que me aca- bo neste fogo.

ERITREIA -Ai, não começa que já estou me chamuscando!

GONÇALO -Me ajuda a apagar este fogaréu.

TERESA (IRROMPENDO NA SALA) -Fogo? De que fogo estão falando?

GONÇALO (INDO PARA TERESA) -É maneira de falar, pomba-rola da minha vida. Só quero que tua mãe me ajude a apagar este fogo que sinto de / queimando por ti.

ERITREIA (À PARTE) -Era só o que faltava. Quero mais é dar um / no fogo do meu forno. (PARA TERESA) -Toma conta do teu noivo, antes / que ele vire num monte de cinza. (À PARTE) -A moçada de hoje não tem / vergonha na cara. E muito menos na cama. (SAI)

GONÇALO -Demoraste tanto que quase me acabo indo embora, pego meu /



alazão e me toco pra estância.

TERESA -Se tu te fosses embora, eu morria de paixão!

GONÇALO -Pois morramos juntos neste braseiro que me torra o coração!

TERESA (À PARTE) -Ai, que declaração! (ATIRA-SE NOS BRAÇOS DE GONÇALO)

IUZ APAGA

4º MOMENTO

QUARTO DE TERESA. ERITREIA, AO ESPELHO, NÃO PERCEBE A PRESENÇA DE ERITREU QUE SE ESCONDE DEBAIXO DA CAMA.

ERITREIA -Qual será, qual será essa pintura que minha filha bota na cara quando recebe o noivo? Nunca vi brasa mais quente no corpo de um homem.

ERITREU (À PARTE) -Essa velha Eritreia querendo trotar parelho com sua filha Teresa.

ERITREIA (À PARTE) -Esse índio malacara, pai do Gonçalinho, pensa que não senti o fedor do seu palheiro.

ERITREU (SAINDO DE SOB A CAMA) -Ora, ora, vejam só.

ERITREIA -Ora, ora, digo eu. Cruz credo! De onde foi que o senhor apareceu?

ERITREU -Errei de casa. Em vez de abrir a porta da comadre, acabei entrando aqui.

ERITREIA -Quer dizer que sua chave abre a porta de qualquer mulher?

ERITREU -Já abriu muitas e vai abrir outras tantas.

ERITREIA -E, por acaso, porta de viúva sua chave não abre?

ERITREU -Minha chave só não abre porteira de campo-santo.

ERITREIA -Entonces, vamos até meu quarto. A porta está emperrada e desde a hora da sesta que não consigo entrar.

ERITREU -Pois vamos até lá. (À PARTE, SAINDO COM ERITREIA) Vai outra porta destrancada!

IUZ APAGA

5º MOMENTO

NA ESTÂNCIA DE ERITREU E NA SALA DA CASA DE DONA ERITREIA. TODOS TOMAM MATE.



O APRESENTADOR -Idade?

PABLO -Vinte e cinco años.

O APRESENTADOR -Filiação?

PABLO -Hugo Montón, importador de produtos supérfluos y Carmen del Carmen Montón, prendas domésticas.

O APRESENTADOR -Grau de instrução?

PABLO -Tercero semestre de arquitectura.

O APRESENTADOR -Quando foi que entrou para as fileiras do movimento montonero?

PABLO -Logo que ingresé en la Universidad.

O APRESENTADOR -Possui sinais particulares?

PABLO -Um sinal de belleza na glande.

O APRESENTADOR -Já esteve preso alguma vez?

PABLO -Si.

O APRESENTADOR -Quando e onde?

PABLO -Quase fui preso certa noche. Foi assim: eram três da madrugada. Eu tinha feito voar pelos ares a redação de um jornal golpista. Quiero dejar bien claro que não havia ninguém trabalhando àquela hora. Estava voltando para mi casa, quando una viatura del ejército me fez parar. Querian me intimidar com sus armas. Saqué mi revólver e...

O APRESENTADOR -E como foi que se tornou cantor de tango?

PABLO -Quando el movimiento montonero se acabó. Para ganar la vida, escolhi el tango. Assim, terminé aqui.

O APRESENTADOR -Entre os seios de Maria Elefante.

PABLO -En este cabaré. (O APRESENTADOR SAI DA LUZ. MÚSICA: "CAMBALACHE" DE E.S. DISCÉPOLO. PABLO CANTA)

-"El mundo fué y será una porqueria, ya lo sé / En el 510 y en / 2.000 también / Que siempre há habido chorros, maquiavelos y estafaos / Contentos y amargaos / Valores y doblés / Pero que el siglo veinte es un despliegue / De maldad insolente, ya no hay quien lo niegue / Vivimos revolcaos en un merengue / Y en el mismo todos / manuseados.

-Hoy resulta que es lo mismo / Ser derecho que traidor / Ignorante, sábio, chorro / Pretensioso estafador / Todo es igual, nada es mejor / Lo mismo un burro que un gran profesor / No hay apalzaos ni escalafón / Los inmorales nos han igualao / Si uno vive en la impostura / Y otro afana en su ambición / Da lo mismo que sea curacolchonero / Rey de bastos, caradura o polizón.



-Que falta de respeito / Que atropello a la razón / Cualquiera es un señor / Cualquiera es un ladrón / Mesclaos con Toscanini, Ringo Starr y Napoléon / Don Bosco y Marimon, John Lennon y San Martín / Igual que en la vidrera irrespetuosa / De los cambalaches há mesclao la vida / Y herida por un sable sin remanche / Ves llover la Bíblia junto a un calefón.

Siglo veinte - Cambalache, problemático y febril / El que no llora no mama y el que no afana es un gil / Dáale no más, dáale que vá / Que hallá en el horno se van a encontrar / No penses más, sentate a un lao / Que a nadie importa se no existe un rao / Se es lo mismo el que labura / Noche y dia como un buey / Que el que vive de de las minas / Que el que mata, que el que cura / O está fuera de la ley.

(DURANTE A SEGUNDA ESTROFE DO TANGO, TIANTA ENTRA PARA CANTAR COM PABLO. ELA TEM UM LENÇO ATADO À ANTIGA, DO QUEIXO ÀO ALTO DA CABEÇA, POR CAUSA DA DOR DE DENTE. AO FINAL, ELA APLAUDE PABLO. ELE A BEIJA NA FACE E VAI PARA O CAMARIM DE PANTHER BOY. OS DOIS VOLTAM COM ACESSÓRIOS QUE VÃO DISPONDO, DISCRETAMENTE, NA PENUMBRA. TIANTA, SOB A LUZ, FALA COM O PÚBLICO)

TIANTA -Tive que entrar agora porque o apresentador deu uma saidinha. Foi procurar um orelhão pra telefonar pra Santa Casa. É que a mulher dele baixou ontem. Vai ter filho, a coitada. O médico falou que bem que podem ser gêmeos. Por causa da barriga enorme. (PAUSA)

-Sabem, fiquei tão chateada aquela hora, quando era minha vez de cantar e não pude, com aquela baita dor de dente -nervo exposto, como o Panther Boy explicou. Nervo exposto é uma dor, mas / uma dor tão forte -parece até um choque elétrico -que a gente fica com vontade de trepar pelas paredes. Pensei que ia me dar um troço. Juro por Deus! Fiquei ali na cama, nua, me finando, morrendo desesperada. Foi daí que o Panther Boy saiu cabaré afora e trouxe uma / tal de Cera do Dr. Lustosa. Mandou eu abrir a boca e tacou cera no dente. E não é que melhorei? Ainda dói um pouco, claro que dói, mas afinal, eu sou uma artista e tenho mais é que enfrentar qualquer barra.

(NOSTÁLGICA) -Ah, mas se a Maria Elefante estivesse aqui, garanto que ela me dava uma folga. Pena que se internou na clínica. Maior besteira. Mãe pra ser mãe, tem que ser gorrão. (PARA PABLO, ALTO) -Não é, argentino?

PABLO -É isso aí.

TIANTA -Falando em Maria Elefante, cá entre nós, mulher de sorte é ela. Veio do nada. Uma vagabunda que soube fazer render o rabo. E hoje tem um caso com esse argentino que é uma graça. (CONFIDENTE)



-Tem noites que mal consigo dormir, só pensando no Pablo. Me dá uma coisa, sabe, um frio correndo por aqui! Se o Panther Boy não fosse tão ciumento.

PANTHER BOY (FORTE, CORTA) -Está na hora, Tianta!

TIANTA -Não falei? Ele morre de ciúme. (PARA PABLO) -Tudo pronto / por aí, argentino?

PABLO -Todo oquei.

TIANTA -Então é pra já! (ELA SAI CANTAROLANDO UM BOLERO)

(A LUZ ILUMINA AGORA UMA SALA DE TRIBUNAL. O JUIZ ESTÁ POR TRÁS DE SUA TRIBUNA VASADA. VESTE UMA TOGA, FARTÍSSIMA. O MARIDO, À DIREITA E A ESPOSA À ESQUERDA DA MESA DO JUIZ)

O JUIZ- Muito bem, muito bem, vamos dar início à sessão. (FAZ SOAR U
A SINETA)

O BEDEL (ENTRA ARRASTANDO SEU CANSAÇO) -O meretíssimo chamou.?

O JUIZ -Não chamei ninguém. Mas já que o senhor apareceu, faça-me o favor de trazer um martelinho.

O BEDEL -Um martelinho? Mas o senhor já tem seu martelinho aí.

O JUIZ -E pode me dizer onde?

O BEDEL -Aí, bem junto de sua mão. Se o martelo fosse um jacaré, já tinha engolido o senhor com toga e tudo.

O JUIZ -O senhor não entendeu nada, pode sair.

O BEDEL (SAINDO DEVAGAR) -Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

O JUIZ (PARA O CASAL) -Bem, bem, bem. Já li todos os autos do pedido de separação de vocês. Quer dizer que a audiência vai ser rápida. / (PAUSA) -Querem mesmo se desquitar?

O MARIDO -Sim.

A MULHER -Sim.

O JUIZ -Os senhores é que sabem. Só quero dar um conselho: fiquem juntos, não se separem. O que Deus uniu lá em cima, ninguém aqui embaixo deve separar. Além do que, ficar juntos é muito mais econômico.

O MARIDO -Mas...

A MULHER (CORTA) -Ele quis até me matar.

O MARIDO -É ela me queimou a única camisa de seda que eu tinha.

O JUIZ -Isso é grave. Como é que a senhora pode ser tão descuidada?

A MULHER -Mas isso não é razão pra querer me estrangular..



O JUIZ -Concordo. Como é que o senhor me vem com essa?

O MARIDO -É que quando chego em casa, cansado do trabalho, ela nunca tem janta.

O JUIZ -Terrível! Um homem que trabalha tem que comer.

A MULHER -Com que dinheiro posso fazer janta? O salário dele mal dá pr^o aluguel.

O JUIZ (PARA O MARIDO) -Por que você não faz hora-extra?

O MARIDO -Mais do que já faço? E quando é que vou dormir, hem?

O JUIZ -Então não seja tão exigente. Coma menos.

O MARIDO -Mas sem comer, não consigo trabalhar.

O JUIZ (NUM GESTO AMPLO) -Isso, todo mundo sabe.

A MULHER -Agora é minha vez de falar: há mais de ano que não sou muher pra ele. Meu marido deve ter outra.

O JUIZ -Que interessante.

O MARIDO (PARA O JUIZ) -Se mal posso com uma, vou agüentar duas?

O JUIZ -Não seja modesto.

A MULHER -Deus é testemunha: sou muito mal casada!

O MARIDO -Ela sempre me rejeitou. Deve ter um amante.

O JUIZ -É possível.

A MULHER -Não esqueça, meretíssimo: ele quis me matar.

O JUIZ -Como é que é?

A MULHER -Meu marido tentou me estrangular.

O JUIZ (SEVERO) -Que absurdo, que vergonha.

O MARIDO (PARA O JUIZ) -Lembre-se: foi durante o sono. Tive um pesadelo.

O JUIZ (PARA O MARIDO) -Isso não justifica nada. Que coisa! Mulher tão jovem, tão agradável à vista.

O MARIDO -Vendo assim de longe, pode parecer. Mas de perto

A MULHER (CORTA) -Ah, nunca fui tão humilhada! (PROCURA E ACHA UM LENÇO NA BOLSA)

O JUIZ (PARA A MULHER) -Mas o que é isso? Não quero choro nesta sala! (TRANQUILIZADOR) -Acalme-se. (DESCE DA TRIBUNA E VEM PARA A MULHER. EXAMINA-A DE MUITO PERTO, VOLTA PARA A MESA) -Escutem. Vocês, ambos, são muito jovens. Têm a estrada da vida pela frente, pra que separar-se? (PARA O MARIDO) -Você, por exemplo? É um homem sadio, /



infinuante, inteligente, pode muito bem entender que mulher igual a esta é difícil de encontrar. (VAI EM CRESCENDO) -Observe bem esse cabelo, a beleza do colo que o decote revela. Olhe para essa boca vermelha, carnuda, de lábios brilhantes, essa cintura bem desenhada, o joelho redondo, sem ângulos agressivos -e joelho é coisa / rara de não ter defeito! -o joelho dela tem uma linha clássica, ele deve ser macio... e mais não consigo ver porque está escondido pelo tecido da roupa. Mas posso -ah, se posso! -imaginar o que a blusa / esconde. E só de imaginar, meu corpo treme, o sangue borbulha, sinto a cabeça rodopiar, vejo tudo aqui girando, o tribunal desmoronando, o teto desaba sobre nós! É um terremoto, a terra se fende, o chão se abre, ai me segurem que vai me dar uma coisa! (DESABA SOBRE A MESA. MARIDO E MULHER ACORREM PARA SOCORRÊ-LO)

A MULHER -Ai, minha Santa Maria da Boca do Monte! (SOBE À MESA E ABANA O JUIZ COM A SAIA. O MARIDO FAZ UMA RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL)

O MARIDO (PARA O JUIZ) -Respire fundo, respire fundo!

O BEDEL (ENTRA COM SUA PREGUIÇA MAIS ACENTUADA) -Era esse o martelinho? (MOSTRA UM COPINHO DE CACHAÇA)

O MARIDO (PARA O BEDEL) -Não vê que o homem está morrendo?

A MULHER -O juiz morre e o tribunal fica aí parado?

O BEDEL (CHAMANDO) -A justiça está morrendo! (VAI PARA TRÁS DO JUIZ E ESVAZIA O COPINHO NA SUA GARGANTA)

O JUIZ (GEME ALTO, PASSA A LÍNGUA PELOS LÁBIOS)

O BEDEL -Ele melhorou. Bendito seja o martelo.

MULHER -Milagre, milagre!

O MARIDO -Ah, se eu não fizesse ele respirar.

O JUIZ (RECOMPONDO-SE, PARA O BEDEL) -Vai buscar uma garrafa inteira. De champanha, desta vez.

O BEDEL -Vai sobrar um gole pra mim?

O JUIZ -Nunca neguei nada aos pobres! (O BEDEL SAI APRESSADO) -E agora escutem. (TOMA O CASAL PELA MÃO) -Ambos foram testemunhas do ataque que sofri. Tudo pelo excesso de trabalho. É a tão falada estafa. Mesmo assim, aqui vai a sentença: vocês dois vão ter que ficar juntos, vão ter que se aturar. Para o resto da vida. Até que a morte os separe e me leve também.

-Há meses que venho examinando esses autos, esse papelama coberta de pó e miséria. Procurando uma maneira de solucionar o impasse desse casamento. Pensam que sou de ferro? (PARA A MU-



IHER) -Foi estudando esses papéis, sabendo do teu calvário que /
 passei a te amar. (PARA O MARIDO) -E tu, pobre homem, tão jovem
 ainda, tão belo, tão demolido pela batalha da sobrevivência, bem
 que mereces uma folga. Uma folga em que entram tua mulher e eu.
 Nós, os três, vamos viver sob o mesmo teto, comer a mesma comida,
 respirando o mesmo ar. Deus dá em dobro tudo aquilo que se repar-
 te de coração aberto.

(MÚSICA. O JUIZ COMEÇA A DANÇAR COM A MULHER. O BEDEL ENTRA COM
 UMA GARRAFA DE CHAMAPANHA MAS NÃO CHEGA A DEPOSITÁ-LA SOBRE A /
 MESA. É ABRAÇADO PELO MARIDO. DANÇAM. ENTRAM OS OUTROS ARTISTAS
 DO CABARÉ E A FESTA SE GENERALIZA)

ENTRETO: TODO CABARÉ DANÇA O TANGO "SOU ASSIM", DE TOQUINHO E /
 GUARNIERI, NA VOZ DE MARLENE. QUANDO O TANGO TERMINA, ENTRA OUTRA
 MÚSICA, MAIS LENTA, OS PARES SE ABRAÇAM MAIS FORTE E TIANTA CANTA
 COM PABLO. AOS POUÇOS, O RITMO DANÇÁVEL CEDE LUGAR A OUTRO, PESA-
 DO E SOTURNO. OS PARES PROTESTAM, SEPARAM-SE E SE RETIRAM PARA OS
 CAMARINS E BASTIDORES. ERICA SCHMITT ENTRA, SONÂMBULA, PERMANECEN-
 DO NA PENUMBRA, DE BRAÇOS CRUZADOS SOBRE O PEITO. O APRESENTADOR
 VEM PARA A LUZ.

O APRESENTADOR - Na história do Rio Grande do Sul, há muitos lan-
 ces dolorosos. Entre eles, o episódio dos Muckers (que até já deu
 cinema), com a visionária Jacobina Mentz comandando a revolta. (PA-
 RA ALGUÉM DA PLATEIA) -Por que essa cara de pouco caso? Não, não /
 precisa ficar assim. Aqui ninguém vai dar aula de história. Sabe -
 mos muito bem que história não se aprende num palco. E muito menos
 sobre a pista de um cabaré. E tem mais: o Cabaré de Maria Elefante
 não teria a audácia de querer ensinar nada a ninguém. (PARA TODA A
 PLATEIA) -É que a nossa mãezinha, aquela que é só amor, a querida
 Maria Elefante, nasceu lá para os lados do Morro do Ferrabrás. U-
 ma pobre colona que um dia encheu o saco de plantar mandioca, lã-
 gou a enxada e veio tentar a sorte na cidade. Desde criança, Maria
 Elefante ouvia falar em Erica Schmitt, a virgem protestante que
 viveu no tempo dos Muckers, perto do Morro do Ferrabrás.

-Enquanto acontecia a revolta, Erica foi justificada, C. P.
 pelo próprio pai. Por uma questão de amor. Erica Schmitt ficou SR / RS
 margem da história, mas não à margem do nosso Cabaré. (ANUNCIANDO)
 -Erica Schmitt, a Morta-Viva do Morro do Ferrabrás! (LUZ APAGA SO-
 BRE O APRESENTADOR)



OS DEVOTOS ENTRAM PORTANDO ALTOS CÍRIOS QUE FIXAM NO CHÃO. UNS TRAZEM ROSAS, OUTROS INCENSO. ERICA SCHMITT DORME EM SEU NICHOS DE PEDRAS. ELA ESTÁ DE PÉ, AMORTALHADA NUMA TÚNICA DE GAZE. A TRANSPARÊNCIA DO TECIDO REVELA SEU CORPO NÚ. ELA DESPERTA LENTAMENTE COM O MURMÚRIO DAS ORAÇÕES E OS COCHICHOS DO POVO.

ERICA SCHMITT -Ai, que doce aroma de rosas colhidas de madrugada!

-Céus! Que incenso é este que entra pelas narinas e invade meus velhos pulmões?

-E estes círios? Quem trouxe estas velas que com sua tanta luz me despertam do sono?

-Ah, que náusea é esta? Não me agrada o cheiro de velas ardendo!

-Ah, os homens que não têm consciência da morte. Porque se tivessem, teriam deixado meu corpo nesta cripta. Aqui o sol não entra e o ar é denso e gelado. Nada consegue viver na secura destas lages; nem o mais tenaz dos líquens tem força para se agarrar na lisura destas pedras.

-Mas que fazem aqui reunidos, de olhos fixos na minha figura? Deixem que eu retorne ao meu sossego onde a memória não me alcança. Não perturbem aquela que nada mais tem a ver com o mundo dos vivos. Quero repousar, permitam que esta pobre / carcaça fique para sempre esquecida na meia-luz destas rochas. Nada tenho para dizer, nada tenho de meu para dar. Que esperam / de mim? Que milagre pensam me obrigar a lhes conceder? Estão vivos e são, quase todos, muito jovens. Têm sangue fresco pulsando por suas veias. Estão todos vivos! Quem mais têm a audácia de / querer?

-Aproveitem o tempo e colham os frutos da estação. Mordam a polpa das maçãs, machuquem as papoulas com os pés. Alimentem sua natureza. Satisfaçam o menor desejo, o mais obscuro / anseio e estarão cumprindo com os desígnios da vida. Vivam, dançam! Percam-se por essas colinas, procurem amantes, copulando como fazem os animais que não precisam de pudor. Vamos, corram à procura do amor! Amassem o feno com seus corpos nus, rolem sobre os morangos maduros até que falo e vagina fiquem tintos feito o vinho. Depressa, saiam pelos campos afora e vivam a vida! Vivam por mim que em vida não vivi e que morta, não me deixam morrer!

-Saibam que eu, Erica Schmitt, nada mais quero do que ser uma simples colona.



-Meu mais grave erro, se é que houve erro, foi amar um empregado de meu pai. Um negro, um homem simples, mas sábio nas / coisas da terra. Ninguém melhor do que ele para saber quando a / lua é propícia para semear o centeio; ninguém melhor do que ele / para prever se o inverno seria rigoroso, se a colheita do milho / seria farta.

-Resisti à paixão enquanto tive forças. Mas, pelo tempo em que as amoras rebentam de tanta seiva, me dei por vencida. E / fui dele. Ah, sinto as coxas tremerem, minhas pernas cedem e não consigo ficar de pé. Perdoem a minha fraqueza. Que triste quadro ofereço a esses olhos piedosos.

-Ai, amor de vida e morte! Por mais que eu queira, não / consigo esquecer teu corpo, teu peito coberto de leve sombra no - turna. E aquela tua boca! Por onde anda tua boca? E as tuas mãos que marcaram meus seios com roxas manchas de força? Que foi feito das tuas virilhas por onde minha boca errava e se esquecia em beijos? E os teus dentes, onde estão que não me mordem? E a tua saliva, tua saliva que já não brilha sobre as minhas espáduas? Se, pelo menos, eu pudesse queimar toda memória que guardo de ti! Mas / nem o demônio, nem Deus que, alternadamente invoco, podem me socorrer. E os milagres que concedo a meus devotos, não posso conceder a mim mesma.

-Todos pensam que morri virgem. Mentira. Pura, talvez. Pois que pureza maior pode haver do que aquela que se atinge no / ato do amor? E somente porque morri nas mãos de um pai enfurecido, mas isso, não. Isso eu não quero recordar.

-Se existe inferno, é dentro de mim que ele arde. (NUM GESTO QUE ABRANGE OS CÍRIOS E AS ROSAS) -Que tenho eu a ver com todo este aparato? Retirem imediatamente os círios, apaguem o incenso e queimem as rosas! A mim me basta o meu negro. Escutem, façamos um trato: voltarei a cobrir de milagres, atenderei o mais mesquinho dos pedidos daquele que me trouxer de volta o meu homem. / Quero ele vivo, jovem, inteiro! Esta cripta tem muitos nichos, desvãos escuros onde os sexos podem se cruzar. Agora, andem, saiam daqui! Rolem pelas campinas, trepem com a simplicidade dos bichos e fiquem sabendo: milagre de hoje em diante, só depois de trazerem o meu negro! Vamos, fora daqui, fora daqui! (TOMA UM CÍRIO E, BRANDINDO-O, EXPULSA OS DEVOTOS. LUZ EM RESISTÊNCIA DIMINUI SOBRE ERICA / SCHMITT. SILÊNCIO.

O APRESENTADOR (VEM PARA A LUZ) -Ah, a dor do amor! É claro que hoje em dia, Erica Schmitt seria bem mais feliz. Ela teria duas soluções, pelo menos: fugir com seu amado para uma cidade grande e



sumir entre a multidão que não tem rosto. Ou ainda, fugir sozinha e procurar socorro num gabinete de psiquiatra. Se tivesse dinheiro para tanto, naturalmente. Porque o milagroso remédio da psiquiatria só para alguns poucos é oferecido. Aqueles poucos, donos do dinheiro e da força, que podem se dar ao luxo de tratar as cabecinhas.

-O Cabaré de Maria Elefante não podia deixar passar impune um prato como a psiquiatria. Para alegria de médicos e pacientes, "Tudo no Divã"! (SAI O APRESENTADOR. OS ATORES MONTAM O CENÁRIO: UM DIVÃ OU CAMA E UMA CADEIRA. QUANDO A AÇÃO INICIA, FAGUNDES DORMITA, DEITADO NO DIVÃ, À ESPERA DO PACIENTE. BATEM À PORTA. ELE ACORDA, BOCEJA, LEVANTA E VAI ABRIR)

FAGUNDES -Como vai, tudo bem?

PACIENTE -Tudo bem. Quer dizer, mais ou menos. (VAI DIRETO AO DIVÃ E DEITA)

FAGUNDES (SILÊNCIO LONGO. QUANDO SENTE QUE O PACIENTE ESTÁ RELAXADO, SENTA-SE POR TRÁS DELE) -E então?

PACIENTE -Então, o quê?

FAGUNDES -Sim?

PACIENTE -Tive aquele sonho de novo.

FAGUNDES (SILÊNCIO)

PACIENTE -Aquele sonho do carro que eu dirigia em alta velocidade.

FAGUNDES (SILÊNCIO)

PACIENTE -Só que desta vez foi diferente.

FAGUNDES -Sim?

PACIENTE (COMEÇANDO A IMPACIENTAR-SE) -Sim, o quê?

FAGUNDES -A diferença. Qual era ela desta vez?

PACIENTE -A mudança, Fagundes, a mudança.

FAGUNDES -Você estava se mudando?

PACIENTE (COM LEVE IRRITAÇÃO) -A mudança do carro, Fagundes.

FAGUNDES -Ah, claro.

PACIENTE (COM IRRITAÇÃO CRESCENTE) -Não, o carro era escuro.

FAGUNDES -Sim, sim, o carro era escuro.

PACIENTE -Mas a mudança, aí, a mudança...

FAGUNDES (DISFARÇANDO UM BOCEJO) -Como era?

PACIENTE -Ela tinha uma forma estranha. Era mais curta, rolante e houve um momento em que ela mudou de forma. Ficou mole. Toda torta. Era duro dirigir o carro e fazer a manobra.



FAGUNDES -Ela nunca ficou dura?

PACIENTE -No começo, era dura. Como era difícil fazer o câmbio!
(O PACIENTE SE MOSTRA AGORA AGITADO. FAGUNDES BOCEJA NOVAMENTE)

FAGUNDES -Com que você associa o câmbio?

PACIENTE -O câmbio, não sei. Mas o carro, como sempre, me parece que é o processo, a terapia, acho.

FAGUNDES -Que mais?

PACIENTE -Mais, o quê?

FAGUNDES -O câmbio.

PACIENTE (SILÊNCIO)

FAGUNDES -O câmbio, Paulo. (BOCEJA OUTRA VEZ)

PACIENTE (SILÊNCIO)

FAGUNDES -O que você associa com o câmbio roliço que muda de forma?

PACIENTE -Não sei.

FAGUNDES -Você está com dificuldade de associação.

PACIENTE (SILÊNCIO)

FAGUNDES -O câmbio roliço que muda de forma é uma representação fálica. É a tua masculinidade que você não sabe manejar. Daí mudar de forma, te escapar da mão, ficar mole.

PACIENTE -Eu não te entendo.

FAGUNDES -Você não maneja sua masculinidade.

PACIENTE -Agora entendi. Quando eu vinha pra cá, a mudança mudou de forma. Foi estrarhíssimo. Eu vinha descendo a Independência e, bem ali, na frente da Beneficência Portuguesa, a mudança ficou mole e curta. Deste tamanhinho, vê se pode! (MUITO EXCITADO, AGORA)
-Não pude fazer a mudança... (FAGUNDES BOCEJA E COMEÇA A DORMITAR)
-Mal consegui chegar até aqui. Quando larguei o carro no estacionamento, dei uma olhada, examinei bem a mudança e ela estava novamente certinha, com aquele botão bonito de acrílico que tem dentro uma conchinha e uma pérola do fundo do mar... (SOERGUE-SE. PERCEBE QUE FAGUNDES DORME. LEVANTA SILENCIOSAMENTE, RETIRA A CINTA DA CALÇA E MANIETA O PSQUIATRA. FAGUNDES ACORDA, NÃO CONSEGUE ENTENDER CLARAMENTE O QUE SUCEDE E PASSA A DEBATER-SE)

FAGUNDES -Mas o que é isso, Paulo?

PACIENTE -Ora, isso não é nada.



FAGUNDES -Como não é hada?

PACIENTE (DEITANDO O PSQUIATRA NO DIVÃ) -Amar alguém não é nada de muito sério, te acalma.

FAGUNDES (RETOMANDO A TRANQUILIDADE HABITUAL) -Tua atitude vai prejudicar o tratamento.

PACIENTE -Ou vai me curar para sempre.

FAGUNDES -Vai prejudicar.

PACIENTE -Amor não prejudica.

FAGUNDES -Mas que é que você quer?

PACIENTE -Conversar.

FAGUNDES -Era o que se estava fazendo.

PACIENTE -Não era. Enquanto eu falava, você dormia.

FAGUNDES -Só fechei os olhos, não dormia.

PACIENTE -Dormia e até roncava.

FAGUNDES -Ora, ora.

PACIENTE -Se é pra dormir, tem espaço pra dois neste sofá. E dormir junto é melhor do que sozinho. A gente tira uma soneca e depois continua a conversar.

FAGUNDES -Eu vou ter que te internar.

PACIENTE -Mas só depois de acordar.

FAGUNDES -Isto não funciona, Paulo.

PACIENTE -Funciona, sim, que eu sei. Depois da gente levantar, vamos até a garagem. Meu carro não anda bem, com aquela mudança estranha que muda de forma a toda hora, até em sonho... É uma loucura!

FAGUNDES (NUMA ÚLTIMA TENTATIVA PARA LIVRAR-SE DA SITUAÇÃO) -Quem / sabe vamos até lá agora?

PACIENTE -Não senhor. Só depois de dormir. Não pude fazer a minha / sesta hoje, nem você. Tanto é que dormiu enquanto eu falava. E agora, relaxa e dorme. Quem acordar primeiro, acorda o outro, tá?

FAGUNDES (COM UM SUSPIRO) -Certo, Paulo, certo.

PACIENTE -Pode me chamar de Paulinho, como fazia meu pai.

FAGUNDES -Certo, Paulinho.

PACIENTE -Assim é que é bom. Até daqui a pouco.

FAGUNDES -Até daqui há pouco. (SUSPIRA NOVAMENTE. VIRAM-SE DE COSTAS UM PARA O OUTRO E ADORMECEM. LUZ APAGA. NO ESCURO, OUVEM-SE OS RONCOS.)



O APRESENTADOR -A intransigência e o patrulhamento estão soltos por aí. Atacam qualquer um em qualquer lugar. Não estamos a salvo em par te alguma. Nem na nossa própria casa e muito menos no país. Para mostrar que o Cabaré tudo sabe (porque aqui se cruzam todos / caminhos da fama e da cama) vejamos o que aconteceu, há pouco, no / mais antigo convento da cidade. (ANUNCIANDO) -A alface! (SAI)

(LUZ DE SERVIÇO. OS ATORES MONTAM O CENÁRIO. MÚSICA. A CENA MOSTRA AGORA A SALA PRIVADA DE MADRE PRUDÊNCIA. QUANDO INICIA A AÇÃO, PRUDÊNCIA ESTÁ SENTADA, TENDO A SEU LADO AS IRMÃS DOLOROSA E VIGÍLIA. PIEDADE, DE PÉ, TEM O OLHAR FIXO NO CHÃO)

PRUDÊNCIA (PARA PIEDADE) -Então foi você quem comeu das hortaliças de nossa horta?

PIEIDADE -Sim, Madre.

DOLOROSA -E comeu uma alface que não era benta.

VIGÍLIA -Pois que lá no canteiro a colheu e ali mesmo a meyeu na / boca.

DOLOROSA -Daí o diabo lhe entrou na garganta e ela foi encontrada blasfemando.

PRUDÊNCIA (PARA DOLOROSA E VIGÍLIA) -E que falava nossa irmã?

VIGÍLIA -Dizia ela que deixaria o claustro. Que voltaria para o / século.

DOLOROSA -Pois que no século, poderia comer de tudo.

VIGÍLIA -Sem ter que passar pelos sadios jejuns que tanto bem nos fazem ao espírito e à alma.

PRUDÊNCIA -E que me diz você, minha filha?

PIEIDADE -Lhe digo, Madre, que tenho fome e que quando se tem fome, a boca nada para mastigar e o estômago nada para receber, nosso / corpo fica fraco e o demônio entra nele mais fácil do que entra / no inferno.

DOLOROSA (LEVANTANDO) -Heresia, heresia, heresia!

VIGÍLIA -Três vezes heresia! (LEVANTA E VAI PARA JUNTO DE PRUDÊNCIA)

DOLOROSA -Que passe três dias sem pão, que seja proibida de / tir ao santo ofício!

VIGÍLIA -Até que se purifique!

DOLOROSA -Que se mortifique, que se vergaste para punir sua car- / ne gulosas!



PRUDÊNCIA -E que diz nossa irmãzinha?

PIEIDADE -Ihe digo, Madre, que estou faminta. Que minhas tripas se retorcem de fome.

PRUDÊNCIA -É o que basta! Afastemos o demônio da maneira mais saudável e eficaz. (FAZ SOAR UMA SINETA)

DOLOROSA (PARA PIEIDADE) -Serás castigada!

VIGÍLIA -E vai ser para teu próprio bem.

DOLOROSA -Três dias sem sair da cela.

VIGÍLIA -E pro teu bucho, nada mais do que uma jarra d'água!

DOLOROSA -Três dias sem missa!

VIGÍLIA -Sem comunhão, sem poder beijar a imagem do divino esposo!

DOLOROSA -Nem o sagrado crucifixo te será deixado na cela!

VIGÍLIA -Travesseiro e colchão, negados!

DOLOROSA -A madeira dura como cama, a parede nua para contemplação!

OUTRA IRMÃ (ENTRANDO) -Sim, Madre Prudência?

PRUDÊNCIA -Irmã, nós as quatro não iremos ao refeitório. Por isso, vamos comer aqui, nesta minha sala. Precisamos de três galinhas / assadas, muita alface com vinagre de mel e azeite de oliveira para regar a verdura, pão preto e pão branco de farinha muito fina, um / pote de gorda manteiga e um pernil de porco muito bem condimentado com tomilho e açafrão. Para bebida, não queremos água. Vinho capito so é o que vamos beber, o mais velho vinho de nossa adega. E como / doce, leves figos cristalizados e uvas róseas bem maduras. (SAI A / OUTRA IRMÃ)

DOLOROSA (SEM ESCONDER O ESPANTO) -Madre Prudência...

VIGÍLIA -... como pode a senhora...?

PRUDÊNCIA (PARA AMBAS) -Se não quiserem, não comerão. Comeremos eu e nossa irmãzinha Piedade.

DOLOROSA E VIGÍLIA (ANTECIPANDO O PRAZER DA MESA) -Comeremos, comeremos! Como não obedecer a uma ordem sua?

PRUDÊNCIA -Vocês estão certas, filhas minhas. A obediência é a primeira das regras. Agora passemos para a mesa e aguardemos orando o o frugal repasto com que vamos fortalecer nosso corpo e assim evitar a aproximação da sombra maligna do demônio. (ELAS VÃO PARA A MESA, AJOELHAM-SE E COMEÇAM A ORAR. LUZ EM RESISTÊNCIA APAGA)



(LUZ NO PALCO VAZIO. TIANTA ENTRA)

TIANTA -A dor ensina a gemer. Eu estava no meu camarim, ia mesmo tomar um conhaquinho, quando fui obrigada a entrar. As freiras / já tinham dado o recado, e o apresentador nem aí. Deve ter saído pra telefonar. Nunca vi homem mais besta. Parece até que homem / nenhum, antes dele, foi pai. Enquanto ele não volta, vou ter que continuar gemendo. Pra vocês, "O maior castigo que te dou", do / Noel Rosa.

(CANTA) -O maior castigo que te dou / é não te bater / pois sei que gostas de apanhar. / Não há ninguém mais calma do que sou / e o meu maior prazer/é o de te ver me provocar.

-A porta sem tranca, / te dá carta branca / para ir onde eu não vou./ Eu juro que desejo / fugir do teu falso beijo / e es te é mais um castigo que eu te dou.

-Não dar importância / à tua implicância / muito pouco / me custou. / Eu vou cantar em versos / os teus instintos perver - sos / e este é mais um castigo que eu te dou.

(AO INÍCIO DA 2ª estrofe, JEAN HARLOW ENTRA PELA PLATÉIA. PROCURA NÃO FAZER RUÍDO. MESMO ASSIM, MURMURA "Acho que estou levemente / atrasada." O TOM ABAFADO COM QUE FAZ A OBSERVAÇÃO DEVE SER PERFEITAMENTE AUDÍVEL PELO PÚBLICO. MAIS ADIANTE, JÁ FERTO DO PALCO, ELA EXCLAMA "Ai, esse degrau! Devo ter quebrado o salto." APOIA-SE NA RIBALTA, EXAMINA O SAPATO, SOLTA UMA IMPRECAÇÃO E SEGUE. JEAN HARLOW DEVERÁ, DESASTRADAMENTE, FAZER O CAMINHO MAIS LONGO E MAIS PERTURBADOR PARA CHEGAR AOS BASTIDORES)

TIANTA (IGNORANDO A ENTRADA DE JEAN HARLOW) -Gente, eu preparei pra vocês um bolero maravilhoso, um bolero que sempre me acompanhou, desde os meus tempos de circo. O bolero, esse de que estou falando, / sempre que eu canto ele, eu até choro um pouco. O Panther Boy fica furiso. Ele detesta choro. A letra diz assim: "Yo sé que soy una / aventura a más para ti, que después desta noche, te olvidarás de / mi." Em brasileiro, quer dizer: "Eu sei que sou, uma aventura a / mais pra você, que depois desta noite..."

VOZ DE JEAN HARLOW (DO CAMARIM, AOS BERROS) -Que fim levou o meu longuinho de cetim? (TIANTA OLHA INTRIGADA PARA O LADO DE ONDE VEM A VOZ) -Afanaram o meu vestido!

TIANTA (DÁ ALGUNS PASSOS EM DIREÇÃO DO CAMARIM DE PANTHER BOY) -Ei, Panther Boy, vem cá! (VOLTA FALANDO) -Depois, o bolero continua...



VOZ DE JEAN HARLOW (AOS BERROS) -Roubaram! Claro que roubaram o meu longuinho de cetim!

TIANTA (OLHA PARA OS BASTIDORES) -Mas^e esse apresentador que não volta?

JEAN HARLOW (ENTRA COM UMA DAS MÃOS NA CINTURA. NA OUTRA, TRAZ UMA GARRAFA DE CONHAQUE QUE PROCURA OCULTAR) -Escuta aqui, ô garota! Você por acaso, não viu o meu longuinho de cetim?

TIANTA -Eu não. Por que? Sumiu?

JEAN HARLOW -Se estou perguntando, é porque sumiu, não é?

TIANTA -Não vi nada.

JEAN HARLOW (COM UMA AMEAÇA VELADA) -Se alguém entrou no meu camarim...

TIANTA -Era só que faltava. Como se eu não tivesse mais nada ^{que} fazer.

JEAN HARLOW -Seguinte, ô: o meu longuinho de cetim sumiu. E sem ele eu fico mal, sabe como é?

TIANTA -E eu vou saber do teu longuinho?

JEAN HARLOW -Pois é, mas como eu ganho por apresentação e sendo eu a estrela...

TIANTA (CORTA) -Estrela? Mas vai te enxergar!

JEAN HARLOW -Estou avisando: quero meu vestido de volta.

TIANTA -Mas está pensando o quê de mim?

JEAN HARLOW -Nada. Absolutamente nada. Só quero o meu longuinho.

TIANTA -Olha aqui, se você pensa que eu entrei naquele camarim...

JEAN HARLOW (CORTA) -Acontece que quem precisa encher a cara pra / enfrentar o público, pode muito bem precisar do meu longuinho.

TIANTA (VAI EM DIREÇÃO DOS BASTIDORES E CHAMA) -Ei, Panther!

JEAN HARLOW -Meu vestido é de cetim importado dos States. Uma fortuna.

TIANTA -Escuta aqui, camiseta fuleira, se você está querendo me acusar...

JEAN HARLOW (MOSTRANDO A GARRAFA DE CONHAQUE) -E isto aqui o que é, hem?

TIANTA -Uma garrafa de conhaque.

JEAN HARLOW (PARA O PÚBLICO) -Também, se não reconhecesse leite!



TIANTA -Mas é o fim! (CHAMA COM RAIVA) -Panther B oy!

JEAN HARLOW -E não adianta chamar esse panterinha bagaceira! Só quero o meu longuinho de cetim.

TIANTA -Mas que veado mais sacana!

JEAN HARLOW -Olha o nível, olha o nível. Nem o público ela respeita. (PARA A PLATEIA) -Vocês desculpem a moça. Nascida em Esteio, / sabem como é.

TIANTA (ENCAMINHA-SE PARA OS BASTIDORES) -Mas não tem ninguém aí / pra dar um jeito nisso! (CHOCA-SE COM PABLO MONTÓN)

PABLO -Pero que sucede?

TIANTA -Essa boneca está enchendo o saco por causa de um vestido.

PABLO (PARA JEAN HARLOW) -Que cosa tan fea!

JEAN HARLOW (IGNORANDO PABLO, PARA O PÚBLICO) -Só quero de volta o meu longuinho. Depois me mando.

PABLO (INDO PARA JUNTO DE JEAN HARLOW) -Que hubo, camarada?

JEAN HARLOW -Camarada, eu hem? Quero mais é minha roupa. Depois, / rasgo o contrato e vou pessoalmente pedir minha demissão pra Maria Elefante. Ela só vai me dar força.

PABLO -Calma, calma.

JEAN HARLOW -Calma, um cacete! Aquela tipa ali roubou meu longuinho. E ainda por cima esqueceu a garrafa de conhaque no meu camarim. Isso por que a garrafa está vazia, se estivesse cheia. (TIANTA AVANÇA PARA JEAN HARLOW. JEAN RECUA E ERGUE A GARRAFA. PABLO SE INTERPÕE)

PABLO -Por favor, chicas. Pensem em Maria Elefante.

JEAN HARLOW -Tudo bem. Não vou dar vexame na frente do público. / Mas que não vou fazer meu número, ah, isso não mesmo. (SAI ELEGANTEMENTE. TROPEÇA, SOLTA UMA IMPRECAÇÃO E DESAPARECE)

PABLO (INDO ATRÁS DE JEAN HARLOW) -Voy ajudar a procurar esse vestido.

TIANTA -Acho bom. E vê se dá um jeito nos nervos dela! (PARA O PÚBLICO) -E agora que é que eu faço? Tinha preparado aquele bolero, / difícilíssimo de cantar. Mas depois de tudo, cadê a voz? Espero que / entendam. E me desculpem se eu desafinar um pouco. Prá vocês, "Vingança", do Lupe. (LUZ APAGA. APENAS UM REFLETOR VERMELHO SOBRA)
(TIANTA)



-Eu gostei tanto, tanto, / quando me contaram, / que te encontraram bebendo e chorando na mesa de um bar. / E que quando os amigos do / peito por mim perguntaram, / um soluço de dor cortou sua voz, / não lhe deixou falar.

-Mas eu gostei tanto, tanto, / quando me contaram, / que tive mesmo de fazer esforço pra ninguém notar. / O remorço talvez seja a causa do teu sofrimento, / você há de ter bem consciência do que praticou, / me fazer passar tanta vergonha por um companheiro / e a vergonha é a herança maior / que meu pai me deixou.

-Mas enquanto eu tiver força em meu peito / eu não quero mais nada, só vingança, vingança, vingança, / aos santos clamar, / você há de rolar como as pedras que rolam na estrada / sem ter nunca um cantinho de seu / pra poder descansar.

(DURANTE A ÚLTIMA ESTROFE, OUVEM-SE RISOS ABAFADOS QUE CHEGAM DO CARIÓTIPO DE JEAN HARLOW; ÀS VEZES, PERCEBE-SE A VOZ DE PABLO. OUTRAS, A VOZ DE JEAN. NÃO É POSSÍVEL ENTENDER O QUE DIZEM, DEPREENDE-SE, NO ENTANTO, A AÇÃO. AO TERMINAR A MÚSICA, O APRESENTADOR ENTRA APRESSADO. ELE CHEGA FELIZ, APLAUDINDO TIANTA)

TIANTA -Mas qual é, apresentador? Me fazer passar por essa! Eu aqui me desdobrando e tu por aí, pendurado num orelhão.

O APRESENTADOR -Tudo bem por aqui?

TIANTA -Assim, assim. Não fosse aquela loira platinada que deu um pequeno vexame. Um vergonha prô Cabaré.

O APRESENTADOR -Não há de ser nada. Mais tarde, falo com ela.

TIANTA -E tua mulher, tudo bem?

O APRESENTADOR -Me informaram que sim.

TIANTA -E pra quando é a criança?

O APRESENTADOR -Pra qualquer momento. (PARA O PÚBLICO) -Algumas mulheres que trabalham em nossa casa são feministas. Procuram se libertar do jugo do macho, por incrível que pareça. Em homenagem à elas, preparamos "Ataque na madrugada". (TIANTA SAI) -Ali, é o apartamento de / Beatriz, no Bairro Floresta. Um bairro discreto, comedido e simpático. Lá, bem longe das pizzarias que infestam o bairro, fica a esquina perigosa. Onde, na mais escura sombra, uma faca espera o momento de / ser usada contra a bela e inteligente Suzi, diminutivo carinhoso da bem sucedida professora Açucena Fernandes. (LUZ APAGA SOBRE O APRESENTADOR. ACENDEM-SE AS LUZES DO APARTAMENTO DE BEATRIZ. AS TRÊS MULHERES BEBERICAM UMA BEBIDA QUALQUER. NA ESQUINA, O HOMEM PREENDE A MEIA-LUZ)



O HOMEM -Naquele apartamento hoje tem reunião. Faz uma semana que elas andam se encontrando, as três. Garanto que é subversão. Com essa tal de abertura, não se pode mais confiar em ninguém.

SUZI (PARA BEATRIZ E MARISA) -A gente tem que se articular, não dá mais.

BEATRIZ -Só receio que possa dar galho.

MARISA -Eu me articular, tudo bem, só quero me articular sem problema.

O HOMEM -As três só podem ser comunas. É o que digo: não se pode / mais confiar em ninguém. Não confio em nada nem em ninguém. Nem no governo, nem em mim mesmo. (PAUSA EM QUE OLHA PARA O FUNDO DA PLATÉIA) -Olha lá um vira-lata fuçando o lixo. Pedra nele! (APANHA UMA / PEDRA IMAGINÁRIA E JOGA-A NO CACHORRO) -Cai fora, cusco subversivo! (GANIDOS) -Te acertei, filho-da-puta!

SUZI -Quem é que vai escrever o manifesto?

BEATRIZ -Tu, que sabe bem português.

MARISA -Ah, manifesto eu não assino, essa não.

O HOMEM -Um bando de vagabundas, é isso aí. Me fazer esperar a saída da Suzi com todo este frio. Mas ficar no carro não adianta, tem que ser aqui. (COM RAIVA) -Frio do cacete!

SUZI -Primeiro, temos que apresentar o manifesto em assembléia. Isso é importante, gurias. A assembléia é fundamental.

BEATRIZ -O que não vai dizer o Luís Antonio quando souber que ando metida nessa história.

MARISA -E meu noivo, então? Coitado, ele nem sonha.

O HOMEM -Pô, já passa lá meia-noite e nada dessa tal de Suzi. Que mulher! Não tem noite que não sonho com ela. Até parece obsessão. Ela é comuna, certo. Mas que corpo! Se todas comunas têm corpo / igual, me mudo de partido. Entro pro PC.

SUZI -Vai ser o fim da dominação masculina.

O HOMEM -Sexo comigo é no tapa.

BEATRIZ -Chega de marido-patrão.

O HOMEM -Sexo comigo é na base do soco.

MARISA -É, acho que está mesmo na hora de acabar com essa onda de mulher-objeto.



O HOMEM -Sexo comigo é na base da violência.

SUZI -A mulher só vai ser mulher, quando for igual ao homem.

O HOMEM -Sexo comigo é no estupro.

MARISA -Ah, mas sem essa de prestar serviço militar! Já pensou que chatice?

SUZI -Então, combinado. Todo mundo na ARI, depois de amanhã, às oito da noite.

BEATRIZ -A convocação saindo no Correio, vai ficar assim de mulher.

MARISA -Pena que não posso levar meu noivo.

O HOMEM -Quase uma da manhã e essa comuna não pinta.

BEATRIZ -A mulher pela mulher!

SUZI -Casadas e solteiras, unidas até a vitória final.

BEATRIZ -Com o homem colocado no seu devido lugar.

MARISA -Coitado do meu noivo.

SUZI -Outra vez mais, uma revolução começa nos pagos do sul.

MARISA -Ai, que roupa eu boto pra ir nessa convocação?

O HOMEM -Agora só falta ela ficar dormindo na casa da amiga.

BEATRIZ -Quem sabe você fica aqui? Já é tão tarde.

SUZI -Não avisei nada em casa.

MARISA -Telefona.

SUZI -Nem pensar. Meu pai me mata. (BEIJAM-SE E A LUZ APAGA NO APARTAMENTO)

O HOMEM (IMPACIENTE, ACENDE OUTRO CIGARRO) -Lá vem ela cruzando a / rua. (PUXA A FACA E FICA À ESPERA. SUZI CAMINHA APRESSADA. PARA O PÚBLICO) -O violentador da Floresta vai traçar outra mina. (PARA SUZI, INTERCEPTANDO-IHE A CAMINHADA) -Deu pra ti, comuna disfarçada!

SUZI -Falou comigo?

O HOMEM -Deu pra ti e fim de papo.

SUZI -Como é que é?

O HOMEM -Deu pra ti.

SUZI -Quem deu o que?

O HOMEM -Ficou surda, é?

SUZI -Não. É que estou meio ruim do ouvido. É frio, grepe na cabeça.

O HOMEM (ALTO) -Deu pra ti. Ouviu, agora? Entra no canto.



SUZI (ALTO, TAMBÉM) -Uma carona até que vem bem.

O HOMEM -Fim de papo e entra aí.

SUZI -Certo. Só me deixa tirar o casaco.

O HOMEM -Vai tirando, que o resto eu arranco depois.

SUZI (DESABOTOANDO O CASACO) -Que maravilha, uma carona a esta hora!

O HOMEM -Depressa, depressa!

SUZI (TERMINA DE ABRIR O CASACO. FICA DE PERFIL PARA O PÚBLICO, NA POSTURA CARACTERÍSTICA DOS EXIBICIONISTAS. O HOMEM SE AGACHA, APROXIMA-SE RECEOSO, OLHA PERPLEXO PARA O CORPO DELA, DÁ UM SALTO PARA TRÁS, GRITA, DEIXA CAIR A FACA E SOME CORRENDO)

SUZI (VOLTA A FECHAR O CASACO, APANHA A FACA E FALA PARA O PÚBLICO) -Nada como andar nua debaixo do casaco. Esta é a quinta faca que arranco dos assaltantes só abrindo a roupa. Pena que os tarados sexuais tenham tão pouca imaginação. Se assaltassem usando colheres e garfos, eu já tinha meu faqueiro completo. (EM DIREÇÃO DOS BASTIDORES, CHAMA) -Taxi! (PÕE DOIS DEDOS ENTRE OS LÁBIOS E SOLTA UM SILVO ESTRIDENTE. LUZ APAGA)

O APRESENTADOR-O Cabaré de Maria Elefante tem mulheres para todos os gostos. Algumas fáceis, outras difíceis. Raras são feministas, / muitas são machistas. Mas todas têm sua opinião. E se orgulham disso. Os homens do Cabaré estão por aí, nem sempre aparecendo (o que, por certo, resulta em decepção para as senhoras da platéia). No entanto, eles estão presentes. São eles que agem nos bastidores, que lidam com o dinheiro, que tranquilizam as companheiras de trabalho e que dão o melhor de si para que o Cabaré seja um lugar agradável, seguro e limpo como o nosso próprio lar. Por baixo destas luzes acionadas por homens, desfila a vida de todos nós. Por aqui passam também aquelas mulheres excessivas, de rosto duro de maquiagem, que têm / uma história pessoal obscura, escondida por trás de segredos fechados. Em homenagem aos críticos de cinema e aos que curtem os mitos cinematográficos de todos os tempos, Maria Elefante, num esforço / digno de seu peso, trouxe até nós o papo amigo de nossa Jean Harlow do Partenon!

(DESCE UM GRANDE CARTAZ QUE REPRODUZ UM FOTO, EM CLOSE-UP, DE JEAN HARLOW. A FALSA JEAN HARLOW, DE CABELO PLATINADO E LONGO VESTIDO BRANCO, COM CINTURA FETIDA E COTULEIRAS BRANCO, É TRAZIDA CENA A DENTRO DEITADA NUM RECAMIÉ BRANCO.



PUXADO POR PANTHER BOY E PABLO MONTÓN. TODOS OS ACESSÓRIOS, DO SAPATO AO ESPELHO DE CABO QUE ELA EMPUNHA, SÃO BRANCOS. UMA COLCHA BRANCA RECOBRE O RECAMIER. A CENA DEVE ~~PASSAR~~ ^{SUGERIR} UMA IMAGEM / ETÉREA COMO, POR EXEMPLO, UMA NUVEM. COLOCADO NO CENTRO O RECAMIER, OS HOMENS RETIRAM-SE. LUZ FECHA SOBRE JEAN HARLOW)

JEAN HARLOW (PARA O PÚBLICO) -Imaginem! Quem diria que meu convite fosse atendido por vocês. Francamente, aqui entre nós, e só entre / nós, jamais pensei que tantos ainda se lembrassem de mim. E alguns até trouxeram as mulheres. Mas a vida sempre me reservou surpresas. Surpresas agradáveis. E eis-me aqui, aturdida ante o olhar desejoso de vocês. (PARA ALGUÉM) -Ei, você aí, cuidado. Tua saliva escorre / pelo canto da boca. Pega um lenço e seca esses lábios. Um pouco de discrição sempre é aconselhável.

(PARA OUTRA PESSOA) -E você que faz que não tira a mão do bolso? (RI) -A gente se vê depois, fica tranquilo. Me espera na saída, quando o cabaré terminar. Se eu ainda tiver condições, podemos sair noite a dentro. Mas olhem só como ele é tímido! Reparem o olho de peixe morto que ele faz. Bobagem, meu querido. Pode me encarar, / aqui ninguém se importa com nada. Não há razão para tanta vergonha. Sou e sempre fui uma dama, dama brilhante como a platina de meus cabelos, mulher com a nobreza da prata, rebrilhando no mais escuro / dos cinemas, iluminando com meu corpo o aconchego dos lençóis.

-Jean Harlow! Aqui estou eu. Intacta por dentro, um tanto alquebrada por fora, mas com a mesma labareda ardendo no peito. Isso eu posso garantir.

-A verdadeira Jean Harlow morreu em 1936. Quando eu tinha apenas quinze anos. Segui de perto sua imagem e só não cheguei ao / cinema porque nasci num país selvagem, num estado proviniano, numa capital de arrendo e, como se não bastasse, num bairro que tem a pretensão de chamar-se Partenon. Mesmo assim, fui incomparavelmente melhor do que a Jean Harlow americana, a estrela que morreu de uremia. Tanto isso é verdade que continuo viva.

(PARA ALGUÉM) -Você aí, lembra-se daquela noite, quando / você chegou com os nervos em pedaços, o rosto desmanchado numa careta de raiva? Você me disse que tinha brigado com a mulher. Que agora era para sempre. Que eu não te deixasse partir. Porque ir embora, / voltar para casa seria te transformar num assassino. Você estava querendo mesmo era matar tua mulher. E, lembra? Te mantive comigo por / duas horas apenas. Tempo suficiente pra matar tua sede de amor e te convencer a voltar pra casa. E se até hoje tua mulher te aporrinha o saco (desculpa o mau jeito), não me vem jogar a culpa na cara. Me-



lhor uma esposa ranheta viva do que um marido trancafiado no xadrez. Não sou profundamente sábia?

-Mas deixemos de lado as lembranças. Meu convite para esta noite talvez desaponte meus fãs. Estou me despedindo. Quero dizer adeus. Já não tenho a mesma vitalidade de outrora, sinto minhas forças fugirem. O que antes era brilho, agora se torna fogo. Minha companhia já não é tão agradável e como alternativa de amor, tenho pouco a oferecer.

-A voz que incendiava as madrugadas, a voz que murmurava promessas de amor eterno já não existe. O que se ouve da minha garganta é um arranhão rouco que mal consegue dar este recado. Morro. Como se morre quando a pele começa a ressecar, quando o cabelo perde o viço e os dentes -ai, os dentes! -pedem, com urgência uma prótese reparadora.

-Morro como quem desfaz velhos nós de seda há muito tempo atados; morro como quem limpa, pela última vez, a poeira acumulada num sótão; morro como quem fecha para sempre o álbum de fotografias.

-Morro sem pedir desculpas. Não devo nada a ninguém. Pelo contrário, mulheres e homens me devem o que de melhor a vida lhes tem dado. As mulheres, porque receberam, saídos de meus braços, homens instruídos nos requintes do amor. Os homens, porque tiveram de mim o que não alguma pode dar: o aprendizado seguro do prazer. Comigo, homens e mulheres saíram lucrando. E nem que vivessem mil vidas, poderiam pagar, em parte, os favores que eu concedi.

-Se o anúncio de minha morte significou alegria para alguém, lamento muito desmanchar esse prazer. Minha morte é mutação. Abandono os cinemas escuros, troco o ar pesado dos mitórios por outros ares mais finos, evito as esquinas mal iluminadas e parto para avenidas bem menos perigosas.

-Fecho a porta da minha casa e abro outras portas. De hoje em diante, é aqui que podem me procurar. Sob a luz do refletor. E, para desapontamento de vocês, no valor do ingresso não está incluído nenhum encontro comigo. Meu amor eu ainda ofereço de graça. Para quem eu quiser. Para quem o aceitar. Lamentavelmente, eu não tenho preço.

(LUZ EM RESISTÊNCIA MORRE. MÚSICA DE APRESENTAÇÃO DOS FILMES DA 20TH CENTURY FOX)

O STRIP-TEASER. (MÚSICA. O RAPAZ ENTRA DE MOTO. DÁ UMAS VOITAS E POSICIONA NO CENTRO DO PALCO. DESCE DA MOTO. RETIRA UMA LATA DE CERVEJA)



JA DA BOLSA DE VIAGEM. ABRE-A E TOMA UNS GOLES. AOS POUÇOS, ELE VAI SE : DESPINDO. COLOCA AS ROUPAS SOBRE A MOTO. QUANDO ESTIVER NŪ, VEM PARA A PLATÉIA E OFERECE A LATA. CASO ALGUÉM ACEITAR UM GOLE, FICA À ESPERA, RETOMA A LATA, BEBE O RESTO E SEGUE PAICO A FORA, MONTADO NA MOTO E SOME NOS BASTIDORES)

PANTHER BOY (ENTRA RÁPIDO) -Aproveitei a saída do apresentador e vim bater um papo com vocês. Tianta está se aprontando no camarim, mas se ela descobre que o apresentador foi telefonar prô hospital, ela dá um jeito e se mete debaixo da luz. O negócio é o seguinte : aquela história toda de que não sou de nada é pura onda. O caso é que não gosto de aparecer. E quem não aparece não é lembrado. Mas / quando lembram da gente é pra falar mal -toc, toc, toc! Só quero / limpar minha barra, deixar claro que não sou explorador de mulher. Vocês viram a Tianta, gente. E daí? Ela tem alguma coisa pra um ca ra como eu explorar? Não tem nada.

-Agora que ficou tudo esclarecido, vamos mostrar "Casinha Pequeninina", que foi inspirada naquela música que todo mundo conhece. (SAI. MÚSICA: "CASINHA PEQUENININA". OS ATORES / MONTAM O CENÁRIO: DOIS SOFÁS OU CADEIRAS SUGERINDO UMA SALA. A MU LHER ESTÁ DE BOBS NA CABEÇA E PINTA AS UNHAS DOS PÉS. O HOMEM; DE / PIJAMA, LÊ O VESPERTINO)

O MARIDO (BAIXA O JORNAL) -Os jornais de hoje não são como os de / ontem.

A MULHER (SEM INTERROMPER A PINTURA DAS UNHAS) -Claro que não. As edições são diárias. Portanto, cada dia os jornais são diferentes.

O MARIDO (OLHANDO PARA ELA) -Quando digo "ontem", quero dizer "anti gamente".

A MULHER (OLHANDO PARA ELE) -Então você tem que dizer assim: "Os / jornais de hoje não são como os de antigamente".

O MARIDO -Os jornais de hoje não são como os. Ora essa, não vejo por que repetir o que você disse. (VOLTAA LER O JORNAL)

A MULHER -O esmalte de hoje não é como o de antigamente.

O MARIDO(SILÊNCIO)

A MULHER -O esmalte moderno mudou muito. Hoje as cores são tantas que fico tonta cada vez que entro numa farmácia.

O MARIDO (SILÊNCIO)



A MULHER -E logo, logo, o esmalte fica ressequido e as unhas descascam.

O MARIDO (SEM DESVIAR OS OLHOS DO JORNAL) -Esses jornais de hoje / publicam tudo. Há uma liberdade que chega às raias da licenci^osidade.

A MULHER - A enceradeira que comprei no mês passado já pifou.

O MARIDO (OLHA PARA O CHÃO, DEPOIS PARA A MULHER) -Então é por isso que o chão está fosco, sem brilho nenhum?

A MULHER -Não. É que a empregada fugiu. Era ela quem lustrava o assoalho com dois trapos de flanela enrolados nos pés.

O MARIDO -Então compra uma nova enceradeira. De outra marca.

A MULHER -Prefiro uma empregada.

O MARIDO -Mas um empregada custa mais.

A MULHER -Em compensação, trabalha o dobro.

O MARIDO (VOLTA AO JORNAL. DEPOIS DE UMA PAUSA, BAIXA-O) -As notícias de hoje são feitas do mais baixo escândalo. Veja: um homem tirou toda roupa na rodoviária, ficou nũ em pelo, pegou um ônibus para Torres e se jogou no mar. Deixou uma carta acusando o governador.

A MULHER -Pobre governador.

O MARIDO -Pobre. (VOLTA À LEITURA)

A MULHER -O meu fuca está com um problema na mudança. Ela está dura e quando procuro fazer o câmbio, ela me escapa da mão.

O MARIDO -Manda pra ofocina.

A MULHER -Vou mudar de oficina, isso sim.

O MARIDO -Os escândalos se acumulam: um ministro do governo fugiu para a Suíça. Por amor ao chocolate. O governo, minimizando o problema, ofereceu-lhe a embaixada naquele país europeu.

A MULHER -Minha lavadora automática se engasgou com aquele teu colete de astracã.

O MARIDO (DEIXA A LEITURA) -Isso é grave. Como é que vai ser no inverno?

A MULHER -Faço um colete de lã pra você.

O HOMEM -Ah. (RETORNA À LEITURA) -Aqui diz que o juiz absol^{ve} o ^{aque} le senhor que matou uma vizinha entrevada e seu cachorro ^{de} ^{financiar} ^{es.}



A MULHER -Um cachorro dinamarquês?

O MARIDO -Um cachorro dinamarquês. O homem foi absolvido porque ficou provada a legítima defesa.

A MULHER -A justiça tem razões que nós sempre ignoramos.

O MARIDO (APÓS UM SILÊNCIO E TENDO FOLHEADO O JORNAL) -Aqui tem uma página em branco,

A MULHER -Que pena! Deve ter sido um problema com a impressão.

O MARIDO -Ou, então, é a prova de outro sabão em pó. Aquela história que lava mais branco, etcétera, etcétera e tal.

A MULHER -Não é de duvidar.

O MARIDO (APÓS OUTRO SILÊNCIO) -Ouve esta: o ministro das finanças perdeu a chave do tesouro nacional.

A MULHER -O tesouro onde o governo guardava as jóias?

O MARIDO -Isso.

A MULHER -Ah, se eu encontro essa chave!

O MARIDO -Que coisa! Imagine que na Baixada Fluminense apareceram trinta corpos crivados de bala.

A MULHER (REPRIMINDO O RISO) -Que limpa, hein?

O MARIDO (TENDO FOLHEADO O JORNAL) -Outra página em branco.

A MULHER -Não falei? É problema do jornal. Alguma coisa deu errado.

O MARIDO -Nada disso. É propaganda de detergente.

A MULHER -Enfim, problema do jornal ou de sabão em pó, dá tudo na mesma: uma página em branco.

O MARIDO (CORRIGINDO) -Duas, faz favor?

A MULHER -Ah, é. Duas. (PAUSA) -Já está na hora da novela?

O MARIDO (CONSULTANDO O RELÓGIO) -Quase.

A MULHER (FECHA O VIDRO DE ESMALTE) -Então vamos pro quarto.

O MARIDO -O televisor do quarto está sem som.

A MULHER -O aparelho do quarto do Betinho está sem imagem.

O MARIDO -Então só resta o do banheiro.

A MULHER -E daí? Não quero perder minha novela.

O MARIDO -Nem eu. Só que no banheiro, a imagem não é de essas coisas.

A MULHER -Pois vamos duma vez, mas quem senta no vaso sou eu. O bi.



dê fica pra ti.

O MARIDO -Não senhora, o vaso é meu.

A MULHER -Eu escolhi primeiro.

O MARIDO -Pra você tem o bidê.

A MULHER -Que vergonha! Me mandando pro bidê!

O MARIDO -E tu, me negando o vaso!

A MULHER -O vaso é meu!

O MARIDO -Fui eu quem comprou o televisor.

A MULHER -Mas a idéia de botar ele no banheiro foi minha.

O MARIDO -Não me interessa.

A MULHER -Prepotente!

O MARIDO -Quem canta aqui sou eu.

A MULHER -Me chamando de galinha! (CHAMA) -Betinho, vem cá!

O MARIDO -Ah, meu saco! Não te chamei de nada!

A MULHER -(CHAMA MAIS ALTO) -Betinho!

O MARIDO - Não se tem mais sossego nem no recesso do lar!

A MULHER -Que lar, que lar? Só me diz: que lar? Isto aqui é lar?

(CHAMA) -Betinho!

BETINHO (ENTRA. LENTO) -Qual é?

A MULHER -Dá um jeito no teu pai.

BETINHO -Seguinte, ó: eu tava numa boa, na minha baia, curtindo um som legal, pô, que corta-barato que são vocês.

O MARIDO -Corta o quê?

BETINHO -Barato.

O MARIDO (PARA A MULHER) -Se ele continua com essa linguagem, juro que bato nele.

A MULHER -Duvido você bater num homem, duvido.

BETINHO (PARA O PAI) -Quer me bater, quer? Tudo bem? Tou mesmo a fim de ser batido.

O MARIDO -Mas ele desafia o próprio pai!

BETINHO -Desafio, mas numa boa.

O MARIDO (INDO PARA A MULHER) -Me segura que eu avanço nele.



A MULHER (SEGURANDO SEMPRE O MARIDO) -Te seguro, te seguro.

BETINHO -Quer se avançar em mim, é velho? Tou mesmo a fim de ser avançado.

O MARIDO -Me larga, me larga que vou dar nele!

A MULHER -Não largo, não largo. Vamos duma vez que a novela já começou. (VÃO PARA A SAÍDA. BETINHO VAI EM DIREÇÃO OPOSTA. ELE PÁRA E VOLTA-SE)

BETINHO -Ei, esperem aí. Pra onde estão indo?

A MULHER -Pro banheiro.

BETINHO -^Os dois?

A MULHER -Pra ver a novela.

BETINHO -Mas não tem aparelho nenhum no banheiro.

A MULHER -Como não?

O MARIDO -Como é que é?

BETINHO -Passei a televisão nos cobres. Tava precisado duma grana.

A MULHER (PARA O MARIDO) -Mas como é que ele teve a coragem...

O MARIDO (PARA BETINHO) -Mas como é que você teve a coragem...

BETINHO -A mesada andava curta, só isso. (SAI)

A MULHER (SENTANDO) -Não consigo acreditar!

O MARIDO -Aí está a maravilha que você botou no mundo, roubando feito ladrão de galinha, um fedelho perebento manchando o sagrado nome de / seu pai!

A MULHER -E agora, querido?

O MARIDO -Eu é que te pergunto.

A MULHER -Como é que vai ser?

O MARIDO -E eu é que vou saber?

A MULHER -Sem distração em casa!

O MARIDO -Pode haver coisa pior?

A MULHER -Sem novela.

O MARIDO -Sem o comentário esportivo. (SENTA NA SUA CADEIRA E TOMA O JORNAL)

A MULHER -Com toda esta vasta noite pela frente.

O MARIDO -Vou ter que dormir mais cedo.

A MULHER -Quem sabe eu pinto as unhas?

O MARIDO -É uma idéia. E eu retomo a leitura. (AMBOS COMEÇAM A AGIR;



ELA PINTA AS UNHAS DAS MÃOS E ELE LÊ O JORNAL. UM SILÊNCIO LONGO.)

-Os jornais de hoje não são como os de ontem.

A MULHER (SUSPENDENDO A PINTURA, VOLTA-SE PARA ELE E DÁ POR ENCERRADO O ASSUNTO) -Claro que não.

LUZ EM RESISTÊNCIA APAGA

JEAN HARLOW (ENTRANDO APRESSADA) -Oi, meus queridos. Pois, parece que a Tianta partiu definitivamente para a Brimânia. Ou, então, está de / porre. Pelo menos o camarim dela está trancado e não se ouve barulho algum. Nem um gemido sequer.

-Gente, eu estou aqui para apresentar a vocês uma pessoa / sensacional. O Cabaré de Maria Elefante teve a audácia de botar debaixo desta luz uma representante da população brasileira que, normalmente, não é vista nos palcos. É que o nosso Cabaré é, antes de mais nada, um salão democrático. Aqui todos têm sua vez, todos podem botar a boca no trombone. Foi na rua que recolhemos essa mulher notável, esse exemplo vivo de coragem, força e sabedoria. Muito brilho para / Ribas, a convidada especial do Cabaré! Com vocês, Joana Ribas!

JOANA RIBAS (AINDA FORA, ALTO) -Ainda não estou pronta!

JEAN HARLOW (INDO PARA BUSCAR MARIA RIBAS) -Bobagem, minha amiga. Vem cá, vem. (TRAZ JOANA RIBAS PELA MÃO)

JOANA RIBAS -Mas agora não é minha vez!

JEAN HARLOW -^Besteira! Deixa de onda, parece até que está com medo. / (DEIXA JOANA RIBAS SOB A LUZ E RECUA PARA A SEMI-OBSCURIDADE)

JOANA RIBAS -Não tenho medo de nada. E tenho pouco pra contar. (PAUSA -Quando cheguei de Soledade, o serviço que encontrei foi de faxineira. Pra poder ajudar meu homem que era lavrador. Mas lavrador em terra que é dos outros não consegue sustento. Daí a gente veio e terminou aqui

-Faxineira de casa fina com despensa assim de comida. Só que umas comidas diferentes. Muita carne que a gente onde eu faxinava era chegada e boca eles tinham mesmo era pra / mastigar. Mesa farta em minha terra, só em dia de casamento ou / de velório. Isso se a noiva ou o defunto fosse gente de dinheiro.

-Meu homem até que se dava bem. De construção / em construção, sempre chegava em casa com uma tauba ou uma folha de zinco. Em pouco tempo, já se tinha o quarto apartado da cozinha. Nossa casa não tinha chão, mas dava pra nós três se ajeitarem: eu, ele e a criança.



-Num desses invernos (que o inverno é inventação do diabo pra castigar o corpo do pobre), num desses invernos a criança se foi. Quem levou ela foi uma tosse feia, com sangue no / catarro que nem a benzedeira não pode fazer nada.

-Ficamos meu homem e eu vivendo como dava. Ele / na construção e eu na faxina de gente fina. Foi daí, num certo dia, que um tijolo mal caído rehentou o cotovelo do meu marido. Disse - ram que ele não tinha inscrição, ele acabou não se encostando e fi cou de braço entrevado. Torto assim como guampa de boi. Que desgra ça maior pode haver prum homem que ter seu braço entortado prô res to da vida?

-De braço torto, ele partiu pra zoeira. Deu pra assaltar motorista de taxi. Se perdeu por esse mundo, levou sumiço e hoje não sei onde anda.

-A criança morta, meu homem longe de casa que é a mesma coisa que ser defunto e eu sem ninguém. Quando me acostu - mei a morar comigo mesma, vieram uns homens e disseram que o ter - reno era da prefeitura e mais um monte de mentira. Tive de sair da - li, perdi minhas faxinas e fui morar nos fundos de uma casa de mu - lher da vida.

-Quando chegou a festa dos Navegantes, fui até / lá fazer promessa. Queria ajeitar meu lado. Foi na festa que encon - trei o Chico Boca. Ele me ensinou tudo o que sei. Na cama, na rua, de dia ou de noite, ele me botou na linha. Mas o serviço pesado fi - cava com ele. Pra mim, só servicinho leve, coisa de mulher. E pra / facilitar o trabalho, o Chico Boca me fez eu me vestir de homem, / que Deus me perdoe! De calça e camisa, eu boto respeito.

-Agora só deito a cara na rua depois que a noite cai. Fico sempre longe do poste de luz. Faço tocaia na sombra. Daí vejo quem chega de madrugada, quem vem tropicando forrado de trago. Uma paulada na nuca. um canivetaço nos rins, sempre arranco uma gra na e quebro o galho, enquanto espero o Chico Boca se arrancar da cadeia.

-Amanhã vou ver um cara de fé. Que me prome - / teu um revólver. Sem favor, porque eu sempre pago com dinheiro e não regateio. Com um pau de fogo na mão, daí é que vai ser bom. / (LUZ APAGA. DUVE-SE, FORA, A VOZ DO APRESENTADOR QUE SE APROXIMA. ACEN DE-SE TODA A LUZ DO PALCO)

O APRESENTADOR -Pessoal, pessoal! Ela nasceu, ela nasceu!
OUTROS ARTISTAS DO CABARÉ)



TIANTA (ABRE A PORTA DE SEU CAMARIM) -Nasceu?

OUTRA ATRIZ -Tudo bem com a mãe?

O APRESENTADOR -Mais do que bem. Sensacional!

UM ATOR -Guri ou guria?

O APRESENTADOR -Guriazinha.

OUTRO ATOR -Mais uma rachadinha!

JEAN HARLOW -Olha a grossura, garotão!

UMA ATRIZ -E o nome qual vai ser?

O APRESENTADOR -Ora, só podia ser Maria.

PANTHER BOY -Elefante? (RISOS DE TODO ELENCO; ELE VAI AOS BASTIDORES)

JEAN HARLOW -Finíssimo! Todo mundo festejando! (VAI AOS BASTIDORES)

TIANTA -Nasceu gordinha a menina?

O APRESENTADOR -Magrinha, magrinha. Dois quilos e meio. (CONSTERNAÇÃO DE TODO ELENCO)

JEAN HARLOW (VOLTANDO COM TAÇAS QUE VAI DISTRIBUINDO) -Ah, mas ela vai ter um santo forte. E se não tiver, a gente dá um jeito.

PANTHER BOY (VOLTA COM UMA CHAMPANHA ABERTA) -Uma elefantinha, hem camarada? (BEBEM TODOS. JEAN HARLOW RECOLHE AS TAÇAS QUE LEVA AOS BASTIDORES. VOLTA E INCORPORA-SE À DANÇA E AO CANTO)

TODOS -Nasceu como todos nascem:

da semente de seu pai,
da barriga de sua mãe.
Herdeira do Cabaré,
Maria Elefantinha
já deu seu primeiro estrilo,
já viu como o mundo é:
sacanagem por todo lado,
ladroeira e exploração
como mostra o Cabaré.

Nasceu como nasce o povo:
de boca aberta pro mundo.
Do ventre materno ela sai
tinhosa, inspirando fundo,



sem choro, sem riso, sem "ai".
Perplexa vem, alerta vai,
Maria sabe que o mundo é
mentira, brilho e loucura
como prova o Cabaré.

Recém chegada criança,
povo deste cabaré:
quem pensa que tudo é mentira
da sábia Maria Elefante,
procure no seu banheiro,
espelho mais elegante!
Mas a vida é o que é:
Assim como ela pinta
no palco do Cabaré.

Tripúdio, dor e rechaço,
amor, trabalho e mais dor,
sexo, demência e cansaço,
drogas, paixão, violência...
de um lado, os que têm fome
e do outro, a prepotência:
atônito o povo sucumbe
sem socorro, sem clemência.
Pouco resta, assim é:
que siga mostrando a vida
este nosso Cabaré.

PANO SOBRE
O CABARÉ DE MARIA ELEFANTE

